CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

67 FEVEREIRO 2017

www.candido.bpp.pr.gov.br

André Ducci

A jornada do herói *provinciano*

A relação dos escritores curitibanos com a cidade inclui disputa por espaço, falta de reconhecimento e outras questões que aparecem em obras de autores contemporâneos

Entrevista | Leyla Perrone-Moisés • Memória Literária | Cadão Volpato • Contos | B. Kucinski

EDITORIAL

A relação dos escritores curitibanos com a cidade tem sido um tema constante na literatura paranaense. Um caso complexo, bastante passional, que certamente renderia boas teses acadêmicas. No caso desta edição do **Cândido**, rendeu um instigante ensaio do tradutor e jornalista Christian Schwartz, que recupera alguns dos principais livros — e nuances — sobre esse embate entre criador (a cidade) e criatura (o autor).

No texto, Schwartz parte do clássico *Ilusões perdidas*, do francês Honoré de Balzac, para falar sobre a "jornada do herói provinciano". E em Curitiba, não faltam heróis nem provincianos. "Curitiba tem sido cenário constante dessa saga — protagonizada ora pelos literatos ficcionais de romances passados na cidade, ora por seus próprios escritores de carne e osso", diz.

De Cristovão Tezza a **Jamil Snege (foto)**, de Miguel Sanches Neto a Dalton Trevisan, foram muitos os escritores cuja literatura foi impactada pelas características peculiares da capital paranaense.

"Há uma segunda versão clássica da jornada do herói provinciano; nela, ele jamais consegue alçar voo, irremediavelmente acorrentado à pequeneza de suas origens. Curitiba produziu, e continua a produzir, alguns personagens assim — só que na vida real", escreve Schwartz em um trecho do ensaio.

Outro destaque do **Cândido** de fevereiro é a entrevista com a professora da Universidade de São Paulo (USP) Leyla Perrone-Moisés. A conversa se baseia no mais recente livro dela, *Mutações da literatura no século XXI*, em que apresenta suas ideias acerca de diversos temas ligados à narrativa de ficção contemporânea, como a falta de relevância da literatura na sociedade atual. "O que está não apenas desgastado, mas quase abandonado, é o hábito da leitura. Numa sociedade de consumidores, a oferta de informação e entretenimento é enorme, e passa por outros meios que não o livro. A falta de relevância da literatura nos dias de hoje é correlata à falta de reflexão, de crítica e de projeto que caracteriza a sociedade contemporânea."

Já o músico e escritor Cadão Volpato analisa os 30 anos do cultuado álbum *Três lugares diferentes*, de sua banda, Fellini, além de comentar os livros que escreveu recentemente, em especial *Os discos do crepúsculo*, previsto para ser publicado no primeiro semestre de 2017.

Entre os inéditos, contos de B. Kucinski e Flávio Jacobsen, poemas de Alvaro Posselt, Gerson Maciel e Samantha Bedushi Santana.

Boa leitura.

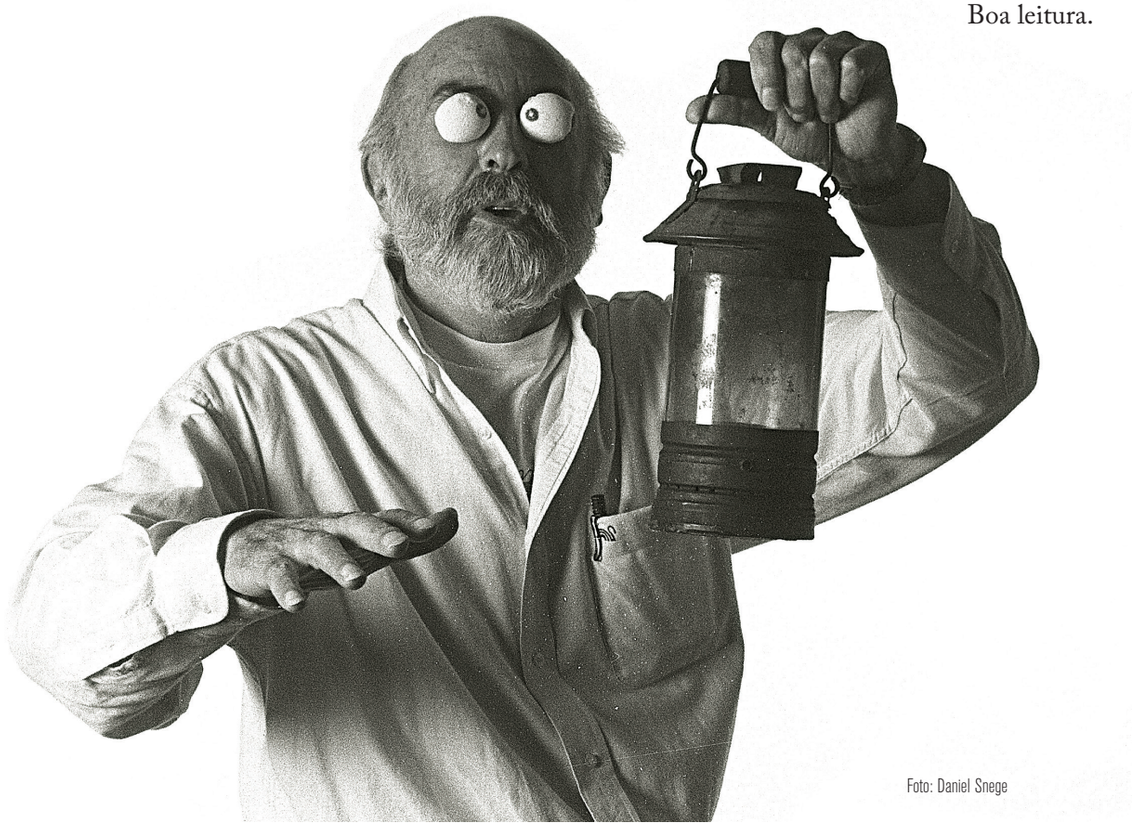


Foto: Daniel Snege

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da **Biblioteca Pública do Paraná**

Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:
Rogério Pereira e Luiz Rebinski.

Redação:
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiário:
Luis Izalberti

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC
Rita Solieri Brandt | coordenação

Programação visual:
thapcom.com

Colaboradores desta edição:
Alvaro Posselt, André Ducci, B. Kucinski, Cadão Volpato, Christian Schwartz, Eduardo Salles O. Barra, Gerson Maciel, Flavio Jacobsen, Leo Flores, Rafael Campos Rocha, Rafael Sica, Samantha Beduschi Santana e Theo Szczepanski.

Redação:
jornalcandido@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

Acompanhe o Cândido pela internet:
candido.bpp.pr.gov.br e facebook.com/jornalcandido/

O site www.bpp.pr.gov.br e as redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) divulgam informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

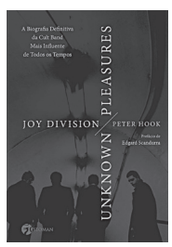
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901| Curitiba – PR
Horário de funcionamento:
segunda a sexta: 8h30 às 20h
Sábado: 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CÂNDIDO *indica*

A partir desta edição, a equipe do jornal seleciona lançamentos e títulos do acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

UNKNOWN PLEASURES
(Editora Seoman, 2015)



Biografia da banda inglesa Joy Division, escrita pelo baixista Peter Hook, *Unknown Pleasures* é um retrato da explosão musical proporcionada pelo punk a partir de 1976. O Joy Divison foi formado após Hook e o guitarrista Bernard Sumner assistirem uma apresentação dos Sex Pistols em Manchester. A partir daí, a banda reinventou o rock na era pós-punk, criando um som extremante singular, sombrio, hipnótico e intenso. Em um prosa solta, Hook conta em detalhes a trajetória da banda, do sucesso de crítica e público à derrocada final, com o suicídio do vocalista Ian Curtis.

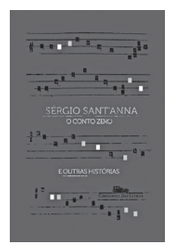
L'AZUR BLASÉ
(Kotter Editorial, 2016)

Nesta coletânea de poemas, Guilherme Gontijo Flores, logo de início, propõe um pacto ficcional com o leitor: *L'azur blasé* seria um livro póstumo do autor, editado por dois conhecedores da vida e da obra de Gontijo. No espólio do poeta, uma miríada de textos que passeiam por diversos subgêneros da poesia — do haicai ao poema-piada. Ao final, um apêndice de notas explica ao leitor as referências utilizadas por Gontijo em seus poemas.

ATIRE NO PIANISTA
(LPM, 2005)

Um livro sobre marginais, que fogem de outros marginais e de uma vida marginal. Considerada a obra-prima do norte-americano David Goodis (1917-1967), *Atire no pianista* é um romance eletrizante sobre a montanha-russa que é a trajetória do músico Eddie**.** Goodis é um dos grandes autores da literatura *noir* e escreveu outros livros igualmente instigantes, como *Lua na sargeta*. Em 1960, o cineasta francês François Truffaut dirigiu a adaptação cinematográfica do romance.

O CONTO-ZERO E OUTRAS HISTÓRIAS
(Companhia das Letras, 2016)



Um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea, Sérgio Sant'Anna revista seu passado nesta coletânea de histórias curtas. Destaque para o conto "Vibrações", em que Sant'Anna rememora o anos em que esteve em um programa de incentivo à literatura em Iowa, nos Estados Unidos. Essas lembranças são contadas com o peculiar domínio da língua e inventividade narrativa que se tornaram marcantes na obra do autor.

REAÇÕES PSICÓTICAS
(Conrad, 2005)

O crítico norte-americano Lester Bangs (1948-1982) foi um ícone da impressa musical. Com um estilo visceral e extremamente direto, seus textos sobre discos e estrelas do rock empolgavam tanto quanto a matéria-prima de seu trabalho — ou seja, a música. *Reações psicóticas* traz textos sobre artistas como Van Morrison, Iggy Pop, Kraftwerk e Jethro Tull. Bangs muitas vezes se coloca como personagem de seus escritos, como na resenha em que relata uma bebedeira com Lou Reed.

Notas da Província

Contos Depen

O Departamento Penitenciário do Paraná (Depen), vinculado à Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária, vai publicar um livro com textos de detentos de diversas unidades prisionais do Estado. Os 12 trabalhos foram selecionados a partir de um concurso de contos, que tinha o Natal como tema. A iniciativa contou com a parceria da Secretaria de Estado da Educação, da Biblioteca Pública do Paraná, da Academia Paranaense de Letras, da Fundação Cultural de Curitiba, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e de Marcelo Almeida Cultura.

Calendários BPP

A Biblioteca Pública do Paraná lança sua primeira coleção de calendários. São três suportes diferentes: de mesa, de parede e um calendário-marcador de página. Todos são ilustrados com retratos de célebres escritores brasileiros e estrangeiros. Os desenhos, assinados por alguns dos principais ilustradores do país, foram publicados originalmente em edições do **Cândido**, na seção "Retrato de Um Artista". Os produtos podem ser adquiridos na BPP e custam R$ 35 (o kit com os três calendários). A renda arrecadada será revertida para a realização de ações da Seção Infantil da Biblioteca.

ENTREVISTA | LEYLA PERRONE-MOISÉS

Renato Parada

A literatura em PERIGO

Em seu mais recente livro de ensaios, a professora e crítica **Leyla Perrone-Moisés** fala sobre a perda de relevância da literatura no meio cultural e de como grandes autores de nosso tempo lutam contra esse cenário

LUIZ REBINSKI

Em um primeiro momento, *Mutações da literatura no século XXI* pode soar como um muro de lamentações sobre a irrelevância da literatura no mundo atual. A começar por uma falta de consenso sobre o que é literatura — realçada logo na apresentação do livro —, a professora e crítica Leyla Perrone-Moisés traz à tona uma série de temas pessimistas sobre o momento e a recepção da escrita de ficção: o declínio do prestigio social e cultural da literatura, a perda de importância da matéria nos currículos escolares e universitários e a derrocada da crítica em tempos de internet, entre outros.

Mas a partir da segunda parte do livro, intitulada "A narrativa contemporânea", *Mutações* mostra como a chama da literatura se mantém viva por meio da obra de diversos autores de nosso tempo, que não jogaram a toalha mesmo com todas as perspectivas desfavoráveis e as teorias conspiratórias (a do fim do romance tem sido a mais recorrente). Os ensaios trazem análises sobre grandes autores contemporâneos — de Ian McEwan a W.G. Sebald — e temas instigantes, como "Os escritores como personagens de ficção" e "A volta do romanção".

Professora emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), Leyla Perrone-Moisés é autora de outros livros de ensaios, como *Inútil poesia* e *Altas literaturas*, obras que mesmo escritas por uma acadêmica, passam longe de qualquer hermetismo. Nesta entrevista a autora comenta algumas das questões mais pertinentes de seu mais recente livro, como a influência da internet no cenário literário e subgêneros como a autoficção.

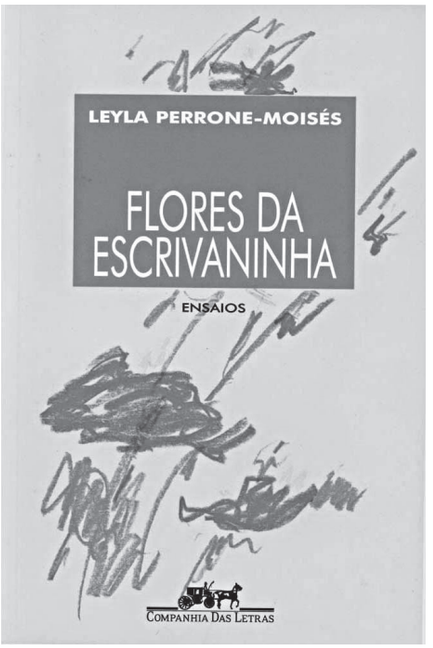
>>>

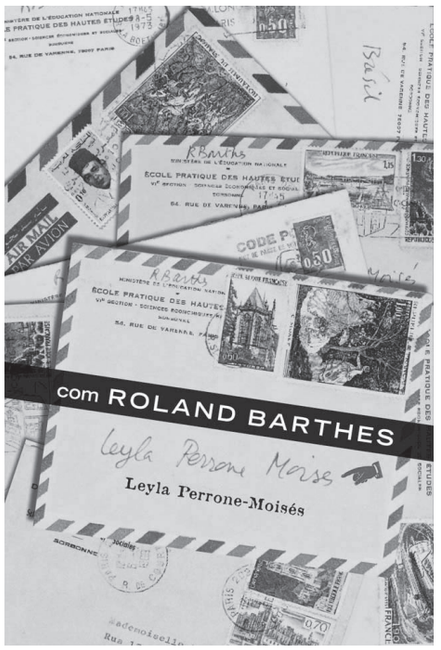
ENTREVISTA | LEYLA PERRONE-MOISÉS

Entre as tantas indagações feitas ao longo de *Mutações da literatura no século XXI*, talvez a pergunta que possa resumir o livro é: "O homem do nosso tempo, com todas as implicações sociais e de comportamento que estão ocorrendo, ainda precisa da literatura?" Precisa?

Precisa, embora a maioria pense que não. Precisa, justamente para ter um comportamento menos dispersivo e mais reflexivo. Para saber quem é, para entender os outros homens e o que fazemos todos juntos no mundo. No século passado, Sartre escreveu: "O mundo pode passar muito bem sem a literatura. Mas pode passar ainda melhor sem o homem". Essa advertência tornou-se ainda mais pertinente em nosso século.

> "A visão de conjunto de nosso país não se encontra em nenhum romance brasileiro. Ela nos foi fornecida, via televisão, pela Câmara e pelo Senado nas votações de 2016."





No capítulo "A nova teoria do romance", a senhora diz que o *nouveau roman* francês, apesar de curto, foi o último movimento a apresentar "propostas teóricas relevantes para a renovação do gênero". A senhora acredita que depois das vanguardas, ainda há possibilidade de o romance se renovar esteticamente? Os escritores deveriam estar preocupados com isso?

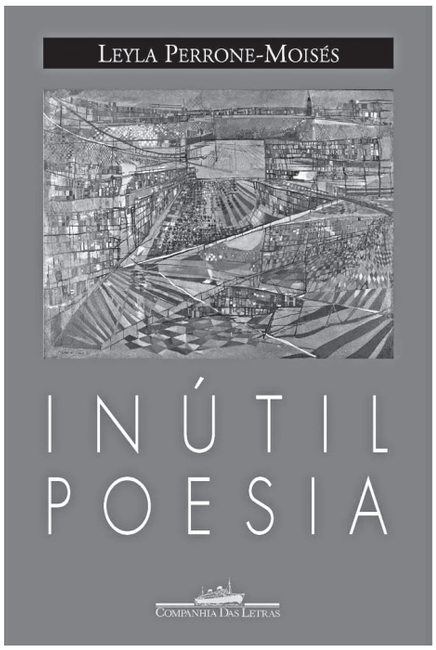
De modo geral, verifica-se atualmente um retorno à forma tradicional que o romance assumiu no século XIX: contar histórias e criar personagens que representem a sociedade contemporânea. Ilustrado com descrições, diálogos e enriquecido com intervenções do narrador. Afinal, essa forma tradicional continua sendo muito poderosa. O cinema e as séries televisivas a têm adotado com grande êxito. Somente alguns poucos escritores, mundo afora, continuam preocupados com a renovação estética da ficção escrita. É o que chamei de "literatura exigente", destinada a um público restrito. Mas ninguém deve dizer com o quê os escritores devem se preocupar. São eles que fazem a literatura, e felizmente vários deles continuam a honrá-la.

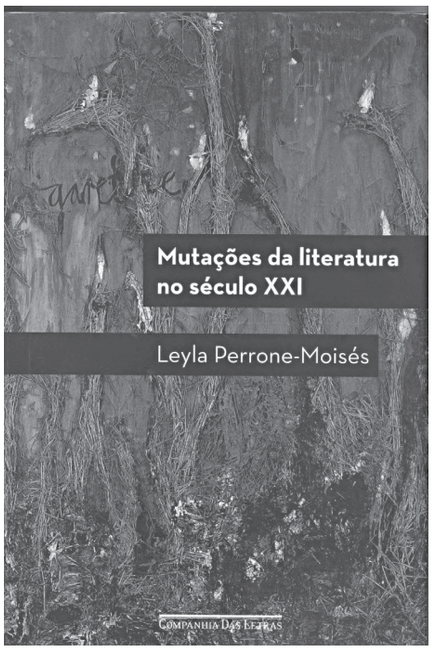
Ainda em relação à renovação do romance, esse seria um dos fatores preponderantes à falta de relevância da literatura nos dias de hoje? Ou seja, acha que de alguma forma o gênero estaria "desgastado" para o leitor?

O que está não apenas desgastado, mas quase abandonado, é o hábito da leitura. Numa sociedade de consumidores, a oferta de informação e entretenimento é enorme, e passa por outros meios que não o livro. A falta de relevância da literatura nos dias de hoje é correlata à falta de reflexão, de crítica e de projeto que caracteriza a sociedade contemporânea. Falta reflexão até mesmo quando se alega a falta de tempo para ler. O que realmente falta é perguntar: aquilo com que ocupamos nosso tempo é realmente valioso? Torna-nos melhores, mais sábios e mais felizes?

A senhora discorre sobre diversos autores contemporâneos, entre eles dois escritores que são como água e vinho: Enrique Vila-Matas e Michel Houellebecq. O primeiro, apesar da inegável qualidade literária do texto, prega para convertidos, escritores e críticos, com sua ficção voltada para a própria literatura. Já o segundo, parece muito mais preocupado em inserir a literatura no debate político e comportamental de seu tempo, sem abdicar da ficção — muitas vezes em histórias distópicas, como a senhora assinala. Em um momento de crise, não estaria faltando à literatura buscar esse diálogo, que tenta Houellebecq, com a sociedade/leitores?

Com certeza, e por isso Houellebecq é muito mais lido do que Vila-Matas. As obras do primeiro têm sido elogiadas por economistas e sociólogos, como perfeitas descrições da sociedade atual. O problema, a meu ver, é que Houellebecq não é apenas distópico, mas é acrítico. Ele descreve nossa realidade com um olhar indiferente que beira o cinismo. É um observador de grande talento, mas não me parece





Alguns dos livros de ensaios publicados por Leyla Perrone-Moisés, incluindo *Mutações da literatura no século XXI*.

que ele busque um diálogo com a sociedade, como faziam e fazem outros escritores melhores do que ele: Saramago, Coetzee, Amos Oz, McEwan, para citar apenas alguns.

Sobre a autoficção, a senhora esclarece que esse tipo de texto remete a períodos e autores bastante antigos. Não é novidade, portanto. Mas esse método de narrar não teria sido "turbinado" pelo nosso momento atual, com a valorização da exposição do indivíduo, das redes sociais, etc? Mesmo autores como Karl Ove Knausgård, bastante elogiado pela senhora, não teriam angariado leitores sedentos pela vida (real) alheia?

É verdade que o individualismo e o narcisismo contemporâneos, alimentados pelas redes sociais, favoreceram a explosão de autoficções. Mas querer saber o que as pessoas comem e com quem transam é muito diferente do que querer saber como elas vivem seus problemas, como se sentem nos momentos de solidão, o que pensam. Há autoficções irrelevantes como *selfies*, e há outras que são valiosas para os leitores que buscam, na vida alheia, inspirações para suas próprias vidas.

O desaparecimento da crítica de livros (ou sua diminuição drástica) nos jornais e a abordagem cultural praticada na internet (com suas listas e textos pouco reflexivos) dão a impressão de que, em se tratando de cultura e literatura, estamos regredindo, ou emburrecendo. Qual a sua percepção?

O desaparecimento da crítica está diretamente ligado com a perda de importância dos livros de ficção e de poesia na mídia. A literatura, hoje, tem um lugar muito restrito naquilo que atualmente se chama de "cultura" e que é sinônimo de entretenimento. Não sei se é emburrecimento, mas é certamente a perda de um poderoso estímulo aos neurônios, tornados preguiçosos pelo uso exclusivo dos meios eletrônicos.

>>>

ENTREVISTA | LEYLA PERRONE-MOISÉS

Diante do panorama atual da crítica, qual é o melhor caminho para um escritor jovem ser percebido?

É muito difícil, para um escritor jovem, ingressar no circuito da edição e da publicidade. Pelo contrário, é muito fácil para um jovem qualquer se tornar "escritor". Se conseguir muitos seguidores na Web, pode logo publicar um livro ou vários. No ano passado, vi uma fila de centenas de pessoas à espera da abertura de uma livraria de shopping, para comprar o livro de uma garota que posta vídeos no YouTube. Uma fila de dar inveja a qualquer escritor literário. O escritor jovem que pratica uma escrita de qualidade tem de ser paciente. Deve enviar seu livro para editoras que tenham catálogos compatíveis com seu trabalho e não desanimar com as respostas. Se sua obra for realmente boa, mais cedo ou mais tarde acabará sendo descoberta.

Recentemente na França se veiculou uma campanha publicitária que mostrava a baixa remuneração dos escritores de literatura. Os autores posam com determinados produtos (como um cafezinho ou um par de óculos) e uma legenda informa quantos livros é preciso vender para adquirir os objetos. A crise da literatura é mundial, e não apenas em países pouco cultos como o Brasil?

A crise da literatura é mundial. A França, que durante séculos teve a cultura como sua maior riqueza, sofre a mesma desvalorização da literatura no ensino básico e no consumo. Há um programa de entretenimento na TV5 Monde que se chama "Questions pour um champion" e dá vultosos prêmios em dinheiro para quem responder o maior número de perguntas de cultura geral. O nível das perguntas é alto, e se fosse no Brasil não encontraria concorrentes (por isso nem existe). Como assisto a esse programa há anos, verifico que o tema "literatura" encontra cada vez menos pessoas informadas. Perde de longe para os temas "geografia", "esporte", "cinema" e "gastronomia". Se um país como a França abandona progressivamente sua memória cultural, o que dizer do nosso, que nunca teve de fato essa memória?

Em determinado momento de *Mutações*, a senhora faz uma defesa do meio acadêmico em relação à critica que se faz ao ensino da literatura (tanto na universidade quanto na escola). A senhora escreve que não é possível estudar literatura sem passar pelos textos clássicos. Um ponto que costuma gerar divergência, com muitos profissionais defendendo o uso de autores mais contemporâneos em sala de aula. O ideal não seria um ponto de equilíbrio entre esses dois pensamentos?

Para estudar literatura, é necessário partir dos clássicos. O mesmo acontece no campo científico. Isaac Newton dizia: "Se vi mais longe foi por estar sobre ombros de gigantes**".** Os professores de literatura podem e devem propor textos contemporâneos em suas aulas, pois sua temática é mais próxima da vivência dos alunos. Mas o bom professor, assim como o bom escritor contemporâneo, tem de conhecer os "gigantes" da história literária, porque estes não apenas criaram as bases da literatura moderna e contemporânea, mas são sempre atuais quanto às grandes questões humanas.

Uma de suas críticas diz respeito ao termo "pós-moderno", que em relação à literatura agruparia características que sempre estiveram presentes na ficção, como a metaliguagem (*Tristam Shandy*), a paródia (*Dom Quixote*) e a intertextualidade (*A dibina comédia*). A senhora demonstra

Renato Parada

“ O individualismo e o narcisismo contemporâneos, alimentados pelas redes sociais, favoreceram a explosão de autoficções.”

como o autor contemporâneo se utiliza dessas heranças do passado e as diluiu no presente, utilizando para isso o termo “literatura tardia”. Poderia explicar esse conceito?

Não me lembro de ter usado esse termo. Usei, sim, o termo “modernidade tardia” para qualificar nossa época. O que caracteriza a literatura na modernidade tardia é que ela perdeu importância como instituição, como prática e como consumo. Atualmente, considera-se “literatura” qualquer escrito ficcional ou poético. E no enorme volume de publicações, muito pouco merece essa classificação. Justamente por ignorância dos “gigantes”, perdeu-se o pudor de publicar, e publica-se qualquer coisa. Portanto, poderíamos falar em “literatura tardia” para qualificar essa massa de escritos supostamente literários. Mas a boa literatura nunca é tardia, pelo contrário, ela é oportuna porque resiste ao contexto histórico e social adverso, apontando suas mazelas e mantendo a linguagem em bom estado, contra as simplificações, os clichês e os estereótipos.

Apesar do tom muitas vezes pessimista do livro (de fim de feira), a senhora escreve que “a literatura é um dos poucos exercícios de liberdade que nos restam”. Por quê?

Porque a literatura só pode ser praticada plenamente em sociedades democráticas. Mesmo em sociedades de períodos históricos totalitários e autoritários, os escritores sempre se sentiram livres para dizer o que tinham a dizer, sob pena de censura ou de prisão. Em nossa época, quando a maioria dos países se diz democrata, o escritor sofre a repressão não declarada de grandes poderes totalitários: o dinheiro, a mídia, a moda, o senso comum, a opinião corrente, as redes sociais, o moralismo etc. Mas em seu texto ele é livre para pensar, exprimir-se e imaginar.

Há também um capítulo sobre a volta do “romanção”, em que cita três autores americanos contemporâneos: Jonathan Franzen, David Foster Wallace e Garth Risk Hallberg. No Brasil, esse tipo de livro, que pretende apresentar um “painel” da sociedade, nunca pegou (apesar de algumas exceções). Saberia explicar o motivo?

O motivo é que não existe “a sociedade brasileira”. O Brasil é um território muito vasto e muito desigual em todos os seus aspectos, não cabe num “painel”. A nação norte-americana também é vasta e variada, mas ela tem uma liga social, registrada numa constituição imutável e numa imagem compartilhada do próprio país como livre, próspero e poderoso. Os romancistas norte-americanos que citei são, em graus diversos, críticos dessa auto-imagem, mas conseguem ver o conjunto e os principais problemas. Nos EUA há uma tradição do “grande romance americano”, de John dos Passos até os nossos dias. Diferentemente, ninguém em sã consciência ousaria escrever um romanção panorâmico do Brasil. O mais próximo disso que tivemos foi *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, que mesmo assim é regional. A visão de conjunto de nosso país não se encontra em nenhum romance brasileiro. Ela nos foi fornecida, via televisão, pela Câmara e pelo Senado nas votações de 2016.

Para terminar, quais foram as leituras mais interessantes, de autores brasileiros, que a senhora fez no último ano?

Dos livros brasileiros que li em 2016, os que me pareceram mais interessantes foram: *O tribunal de quinta-feira*, de Michel Laub; *Histórias naturais*, de Marcílio França Castro; *A vista particular*, de Ricardo Lísias; *A tradutora*, de Cristovão Tezza. ■

CONTO | **B. KUCINSKI**

O SOFÁ

Ilustração: **Theo Szczepanski**

Estavam recostados no sofá, quase se tocando, mas sem se tocar; o sofá no qual fizeram amor na urgência da primeira vez e de tantas outras; ele sentindo a mesma urgência, ela fingindo que lia. Não transavam havia dois meses. Ele estendera hesitante o braço direito ao longo do encosto, sentindo-se como um rapaz tímido que vai namorar a primeira vez. Ela dera um salto, como se tivesse sido ejetada por uma mola. E falou o que falou. Depois se arrependeria, mas o estrago ficou.

Isso foi há cinco dias. A frase o penetrou como uma punhalada. Estava ansioso pela interpretação do analista.

— Conte como foi.

— Começou um dia antes. Ela tinha chegado da tal terapia e eu perguntei se tinham conversado sobre a razão de não transarmos há tanto tempo. Ela respondeu que não ia fazer sexo com quem não podia lhe dar um filho. Queria a separação. Disse isso assim, sem meias palavras. Naquela noite, custei a pegar no sono. Mas o pior aconteceu no dia seguinte, na terça de manhã. Estávamos no sofá, ambos calados, eu tentei me aproximar, ela se levantou e disse que preferia se masturbar a fazer sexo comigo, e que já tinha feito isso muitas vezes, e que muitas amigas dela, solteiras e casadas, se masturbavam. Fiquei arrasado, perdi a fala, na hora levantei e saí, fui andar, não sei quanto tempo andei por aí, relembrei os anos que vivemos juntos, tentei entender se de repente ela se apaixonou por outro, ou se a diferença de idade começou a pesar, eu indo para os 60, ela mal chegando aos 40; ela já havia afastado discretamente nossas camas, assim, bem pouquinho, como se não fosse nada; nessa noite dormiu em outro quarto; agora estamos assim, sem nos falar, como estranhos. Ontem reclamei, ela não po-

dia ter dito aquilo a um companheiro sexualmente ativo e ela respondeu que não era bem assim, foi nervosismo, ainda estava muito tensa, e se desculpou, mas insistiu que queria ter filhos, que estava passando da idade limite.

— Você acha que esse é o verdadeiro motivo?

— Prefiro achar que é, embora em treze anos ela nunca tenha dito isso, ao contrário, quando decidimos morar juntos e eu falei da minha vasectomia, ela se mostrou aliviada; não precisaria tomar pílula; não queria interromper a carreira para cuidar de criança; não queria ter filhos de jeito nenhum, assim como não quis do primeiro casamento, disse isso várias vezes.

— E por que você acha que agora ela quer?

— Não sei, pode ser essa coisa da idade limite, isso deve mexer com a cabeça das mulheres, e pode ser pretexto, ontem ela avisou que não dormiria mais no apartamento e não dormiu mesmo. Foi quando eu me dei conta de que a separação estava consumada. Hoje apareceu pela manhã e eu disse a ela bem claro que o apartamento era meu e só meu, era tudo o que eu tinha e dele não ia abrir mão. Foi a primeira vez que falei duro. O apartamento já era meu quando passamos a viver juntos e o mobiliário também, inclusive geladeira, fogão, tudo. E todas as despesas da casa eu sempre paguei, ela nunca entrou com nada, embora ganhe bem. Acho que hoje o salário dela é maior do que a minha aposentadoria; mas ela não entra com um tostão nas despesas, tem sido assim, todos esses anos.

— Você parece surpreso, mas ela vinha dando sinais...

— Talvez eu não quisesse ver, mas isso de não querer transar é recente...

— Como começou?

— Começou com ela chegando sempre depois das dez, muito estressada, ou assim parecia, dizia que a pressão na prefeitura estava insuportável, que havia uma luta interna pesada, estava num fogo cruzado, precisava trabalhar o dobro. Tomava uma ducha e caía na cama. Nos fins de semana, saía com as amigas e voltava tarde. Eu fui ficando mal, a abstinência sexual me afeta demais, me sentia humilhado, mas achava que isso ia passar, assim que ela fosse contratada como concursada.

— E antes dessa fase, como era?

— Antes... Deixe ver... Teve essa viagem ao Rio, que eu já contei, a crise de pânico dela na porta do avião, tão forte que não embarcamos... Antes disso, bem, antes disso, no ano passado houve um episódio estranho, eu não dei atenção, mas depois do que aconteceu esta semana, fico pensando... Ela foi a Curitiba visitar a irmã, telefonou da rodoviária assim que desembarcou, mas não apareceu na casa da irmã; as horas se passavam e ela não chegava, o celular dava fora da área ou desligado. Só apareceu na irmã tarde da noite. Ela nunca me explicou... Enfim, pode ter sido neurose minha, mas hoje eu vejo que eram sinais... No começo do mês, pediu para eu assinar um documento no cartório atestando uma tal de união estável. Eu perguntei o motivo e ela disse que era para o concurso da prefeitura, uma formalidade, mas em retrospecto eu me pergunto se já não era um preparativo para a separação; esse pensamento me perturba muito... Eu sempre fiz as vontades dela. Paguei o curso de mestrado *lato-senso* que ela fez, em administração. Nunca neguei nada a ela.

— Como se você fosse marido e pai ao mesmo tempo; ela foi tua aluna, certo?

— Sim, pela idade podia ser minha filha, aliás, a Adriana, do meu primeiro casamento, é só dois anos mais velha. Você fala em marido e pai ao mesmo tempo, o fato é que eu sou louco por ela, ainda sou, nossa vida sexual sempre foi intensa, até essas coisas começarem a acontecer. Talvez eu tenha errado ao não dar mais atenção à carreira dela, aos problemas que estava enfrentando na prefeitura.

— E agora, como vai ser?

— Não sei, não consigo me ver separado dela; se ela chegar amanhã propondo a reconciliação, dou o dito por não dito.

— É a tua esperança?

— É o que eu mais quero. Chegar ao apartamento e encontrá-la no sofá, me chamando para sentar ao seu lado, pedindo talvez meio sem jeito para a gente recomeçar... Torço tanto por isso que preparei uma fala, para não tripudiar, não humilhá-la...

— Bem, nosso tempo acabou; nos vemos na segunda, certo?

Finda a sessão, ele deu muitas voltas antes de se dirigir ao edifício, já ao anoitecer. Era como se quisesse postergar o retorno, prolongar o mais possível a esperança na reconciliação, dar a ela mais tempo para mudar de ideia. Tentava imaginá-la no sofá, aguardando-o, amorosa e arrependida.

Estranhou o sorriso cínico do porteiro. Ao abrir a porta do apartamento, o susto: não havia sofá, nem mobiliário algum; o apartamento fora completamente esvaziado. Ficaram seus livros de astronomia, empilhados no piso do escritório e suas roupas, amontoadas no armário embutido. Naquela noite, dormiu no chão. ■

>>>

CONTO | **B. KUCINSKI**

Ilustrações: **Theo Szczepanski**

A DEPRESSÃO DE JOSÉ ROBERTO

Depois que a mulher morreu, José Roberto não mais saiu de casa. Os amigos telefonavam, não atendia; telefonavam outra vez, não atendia; deixava tocar, tocar, tocar, até desistirem. Não foi mais ao bar do Venâncio, nem à pelada na praia. De começo, sentiram a falta do Robertão, como era chamado, depois o esqueceram.

Passava os dias na rede, contemplando o quintal, tentando entender como era possível a mulher sumir de sua vida tão de repente, amaldiçoando a doença e filosofando sobre a fragilidade da existência. No piso da varanda, ao alcance da mão, largou a garrafa de pinga, uma jarra d´água e dois copos. Não chegava a se embriagar; bebericava. Só saía da rede para pegar um pão ou uma banana na cozinha — ou para ir à privada.

Sua única companhia era a gata Margô. O bichano encolhia-se ao pé da mureta da varanda e ali se deixava ficar, ronronando. À tardinha, sumia. Ia caçar seus ratos ou namorar. De manhã estava de volta. Aninhava-se de novo junto à mureta e ali permanecia. Margô era uma British Blue, raça rara e agressiva. A mulher a recebera agonizante de um morador de rua. Seus pêlos estavam calcinados e ela mal conseguia respirar. Tinham posto fogo nos dois, no morador de rua e na gata. Durante dois anos a mulher tratou-a como filha. Trágica ironia. A mulher morre consumida por um câncer, e a gata sobrevive, lustrosa e gorda. Tão viva que mesmo de dia suas pupilas amarelas faíscam de dar medo.

Em homenagem à mulher, José Roberto decidiu premiar a gata. Toda tarde, um pires de leite. Margô deixou de sair. Dava apenas uma escapada breve à noite, para fazer sua higiene e retornava. Não arredava do pé de José Roberto, mais fiel que um cão. Ele passou a conversar com a gata. Falava da mulher, rememorava episódios, as viagens a São Paulo, as rusgas, sempre terminadas na cama; as broncas, quando voltava bêbado do bar do Venâncio. Margô, vez ou outra ronronava. Só reagia quando ele pronunciava o nome da mulher. Era falar Vera, o bigode da gata se mexia e seu torso peludo se eriçava.

Uma tarde, não trouxe o leite da Margô. Tinha acabado o leite na geladeira. A gata se foi e não mais voltou. Passaram-se dias e nada da gata aparecer. José Roberto sentiu falta, viu-se duplamente abandonado, primeiro pela mulher, agora pela gata da mulher. Sua depressão piorou, desleixou ainda mais; restos de pão espalhavam-se por debaixo da rede. Deu de beber além da conta.

Até que apareceu o camundongo. Pequenino, menor que um pãozinho de padaria, saiu de um buraco na touceira das bananeiras e veio mordiscar as migalhas de pão. Um ratinho cinza, nervosinho como são os camundongos. José Roberto quieto, só acompanhando com o olhar. O bichinho, arisco, logo voltou para o seu buraco. No dia seguinte apareceu de novo e demorou-se mais.

No terceiro dia, José Roberto trouxe da geladeira um restinho de queijo ralado e soltou no chão, bem perto de si. O ratinho veio chegando, cheirando o queijo, o rabinho empinado, os bigodes tremulando, comeu, gostou e ficou por ali, como quem espera mais. José Roberto disse por hoje é só, volte amanhã. E assim foram se dando. Até que o ratinho passou a comer da sua mão. Ficaram amigos.

José Roberto achou por bem batizar o rato: Sócrates. E passou a conversar com Sócrates, da forma como antes conversava com a Margô. Contava histórias da sua mulher, de como a conheceu, dos ciúmes dela, as brigas, ao voltar bêbado do bar do Venâncio, as mesmas histórias que contara à gata e outras mais. Passava horas falando, rememorando, deitado na rede, com Sócrates no colo.

Numa tarde quente e abafada, quando Sócrates ciscava no piso da varanda, um vulto surgiu de repente do nada, saltou sobre o ratinho e vapt, abocanhou-o. Era Margô. A gata prendeu-o entre os dentes afiados e o foi arrastando pelo chão, esmagando seu corpinho que se debatia em desespero.

José Roberto pulou da rede a tempo de ver o rabinho do Sócrates saindo da boca sanguinolenta da gata. Furioso, desferiu um violento ponta-pé na gata que a pegou na barriga e a atirou longe, em meio a um miado curto e grosso. Em seguida, José Roberto chutou tudo o mais em sua volta, a garrafa de pinga, a jarra d´água, os copos e o pires da Margô que ainda estava por ali. Depois, arrancou a rede dos ganchos, fez dela um chumaço e o atirou na direção da touceira de bananeiras. Foi pra sala, pegou o telefone e discou o número do bar do Venâncio. ■

B. Kucinski é jornalista e professor aposentado de jornalismo da Universidade de São Paulo (USP). Autor de obras sobre economia, política e jornalismo, foi assessor da Presidência da República entre 2003 e 2005. O romance *K: Relato de uma busca*, que marca sua estreia na ficção, foi amplamente elogiado e comentado pela crítica. Kucinski também é autor do livro de contos *Os visitantes*. Vive em São Paulo (SP).

MEMÓRIA LITERÁRIA

Carlos Mancini/Reprodução

Primeiro show da banda Fellini, em 1984, em São Paulo. Cadão Volpato, Jair Marcos e Thomas Pappon.

Música é *literatura*

O escritor **Cadão Volpato** analisa os 30 anos do cultuado álbum *Três lugares diferentes*, de sua banda, Fellini, além de comentar os livros que escreveu recentemente, em especial *Os discos do crepúsculo*, previsto para ser publicado no primeiro semestre de 2017

Como efeitos colaterais do nosso tempo, a morte de Fidel e o Nobel de Bob Dylan puseram muita gente para pensar. Fidel morto é o fim de uma era. Dylan laureado é a literatura de cabeça para baixo. Esses dois eventos mexeram muito comigo. Juntos.

Vou começar pela banda que tive nos anos 1980, uma banda independente (do sucesso, inclusive, eu costumo dizer). Em 1987 lançamos um disco chamado *Três lugares diferentes*, cheio de referências a Cuba. Era o terceiro de uma carreira que acabaria teoricamente com o quarto LP, de 1989. Sempre tratamos a despedida como coisa teórica. De vez em quando estamos de volta, para em seguida nos recolhermos ao nosso adeus definitivo.

>>>

MEMÓRIA LITERÁRIA

Mas em 1987 ainda éramos felizes e produtivos. Eu, o letrista e vocalista, Thomas Pappon, guitarrista e compositor, Ricardo Salvagni, tecladista (Jair Marcos, guitarrista, o outro membro original, esteve fora dessa). Não tínhamos baixo, embora o instrumento fosse o principal motivo da fundação do grupo, já que Thomas tocava bateria em diversos outros grupos e queria ir para a frente do palco. Assim nasceu o Fellini, cujo nome foi o primeiro a aparecer, sugerido pelo Thomas.

Minha primeira mulher havia morado 6 anos em Havana, e guardava lindas memórias de sua infância. Essas lembranças chegaram ao disco por tabela: era o que eu queria escrever na época. Lembro de ter lido um livro sobre o tempo em que Hemingway morara na ilha, onde apanhou a atmosfera de *O velho e o mar*. Lembro de histórias sobre a vida na escola, o lenço vermelho dos pioneiros, as aparições-surpresa de Fidel dirigindo um Jeep, os sorvetes, o Malecón, os *guaguas,* que é como os ônibus são chamados na cidade, o hotel Ambos Mundos. Tudo a ver com minha primeira mulher e com Hemingway, tudo misturado. Agora que um letrista levou o Nobel de Literatura, posso dizer que era, vá lá, minha poesia.

O disco foi composto nessa atmosfera. Eu o estou ouvindo nesse exato momento. E ele não me desagrada, ao contrário de outras gravações que fizemos. Hoje eu o acho sensacional. Por que não? Muitas pessoas que conheço e não conheço o tem como um de seus discos favoritos da vida inteira.

Venho ouvindo isso ao longo dos anos. Mesmo em seu tempo ele foi escolhido pelos críticos de todo o Brasil, votando pela revista *Bizz*, como o melhor disco do ano. Empatado com *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*, dos Titãs, que, como se sabe, não eram independentes (do sucesso, inclusive). Há uma lenda que afirma ter sido tudo uma grande marmelada, já que o Thomas trabalhava na revista. De fato, foi. Nós é que ficamos em primeiro lugar, mas a revista achou que passar uma banda independente por cima da indústria era um pouco ousado demais para 1987.

Três lugares diferentes encapsula muitas lembranças (e fica ainda mais eloquente nos fones de ouvido). É engraçado, surpreendente, cheio de vozes (que não são apenas as minhas), instrumentos não muito convencionais, gravação rudimentar (em quatro canais a maior parte do tempo), letras muito distantes do que se fazia então — e do que se faria no futuro. Um espírito desnorteante, provocador, que "sai debaixo da relva e mastiga as estrelas", como está escrito em "Zum Zum Zum Zazoeira". É um disco que assume um zumbido de ar condicionado como instrumento. Que cita Gertrude Stein mas também coloca um comentário zombeteiro do locutor das Indiretas, Osmar Santos. Que reproduz o título de um livro admirável de Cesare Pavese, *Lavorare Stanca*, que até hoje me assombra. Que fala dos Massacres da Coletivização de Stálin, nosso malvado favorito (nós que havíamos sido trotskistas). "Massacres da Coletivização" é a minha música preferida do Fellini.

Desenhos que o autor fez para o seu novo livro, *Os discos do crepúsculo*.

Catão Volpato/Reprodução

Eis a letra:

Eu não tenho mais fotos dessa época
Mas vira-e-mexe a gente dava uma festa
A ilha na cidade
A araponga e a serra
E não mais barbear-se, a última esperança da Terra

Se eu pedia socorro eles viam
Mas quase sempre se vive sozinho
Não se viram mais ônibus
Ninguém ao pé do rádio
Onde o artista vizinho
Vai cortar seu ouvido
A sagração da primavera
A manhã no hospício
O sonho da Quimera
E não tens
toca-discos

E onde tocarão meus discos
Sem fortuna e sem amigos?
Alguém me ajuda a voltar
Num lombo de burro
E dá uma festa ao chegar
Do passado ou futuro?

Lembro do coro que gravamos em "Teu Inglês", uma de nossas músicas mais conhecidas. Naquela noite, eram muitos amigos juntos. A parte final foi feita com grande emoção. Uma das vozes era do Minhoca, um dos heróis daquele tempo, morto em 2002. Parecia (a mim me pareceu, eu me lembro) o fim de uma era. O que a gente ouve nos fones de ouvido, quando grava a própria voz, tem um efeito que se poderia chamar de mágico, na falta de uma palavra melhor. Imagine esse efeito multiplicado na voz de seus amigos.

O disco traz, também, grandes momentos de percussão com Silvano Michelino, um músico espetacular que mora na França e conta histórias sobre Henri Salvador, só um dos grandes com quem já tocou. Nós nos reencontramos em 2003, quando ele veio de Paris para se apresentar conosco no Tim Festival, cujo palco principal dividimos com o White Stripes. Sacou?

Meu cubanismo fica explícito em "Valsa de la Revolución", em que falo de um tipo que não sabe ler e cujas meias estão virando polainas:

Reprodução

O álbum *Três lugares diferentes*.

Ninguém repara em você
pela primeira vez na praia, depois de velho,
como um rabo-de-peixe buzinando em La Habana.

Um rabo-de-peixe não chama a atenção de ninguém num lugar em que só trafegam carros remendandos, percebe? E aí vem o refrão:

Hoy yo no estoy bien
Yo no pateo perro muerto

Tradução:

Hoje eu não tô bem (o lema dos metalúrgicos do ABC)
Eu não chuto cachorro morto (frase que ouvi de Lula, na época)

Para fechar com:

Hasta la victoria siempre

>>>

MEMÓRIA LITERÁRIA

Viva la revolución! (que é como Fidel fechava seus discursos)

Num dos desenhos, que também são meus, há uma homenagem ao P.O.U.M, o partido trotskista da Guerra Civil Espanhola de que fala George Orwell nas suas extraordinárias lembranças reunidas no livro *Homenagem à Catalunha*, que, junto com *O curto verão da anarquia*, de Hans Magnus Enzensberger, tratam de um dos meus temas de devoção. Descobri em *Crônicas — Volume um*, as memórias de Dylan, que ele é fascinado por outra Guerra Civil, a americana. Mas é preciso que se diga, olhando para trás: mais do que um militante enfadonho, fui na verdade um marxista tendência Groucho (um grafite maravilhoso de maio de 68: "Sou marxista, tendência Groucho). Acho que os meus companheiros do Fellini também foram.

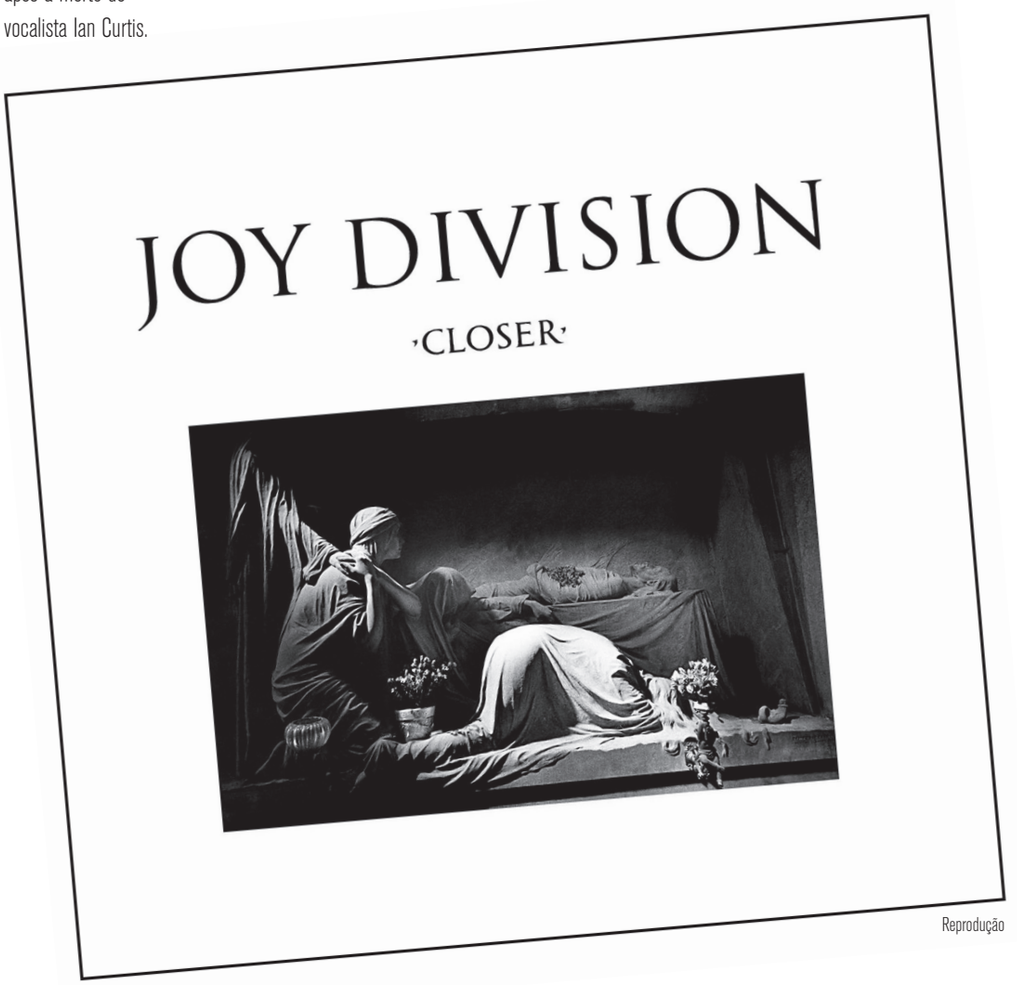
Em 2017, *Três lugares diferentes* faz 30 anos. Não é um milagre ainda estarmos vivos? Fidel está morto. Um amigo prometeu escrever a história desse disco. Eis aí um livro que eu gostaria de ler. Que uma outra pessoa enxergue aquilo que não conseguimos ver enquanto estamos vivos.

Eu mesmo me debrucei sobre o começo do Fellini numa pequena memória inédita chamada proustianamente *À sombra dos viadutos em flor*. Eu, Minhoca e Alex Antunes (Akira S e as Garotas que Erraram) moramos juntos num edifício a cavaleiro do Viaduto Major Quedinho, em São Paulo. Lá vivemos um ano intenso, quando tudo ainda estava por acontecer e tipos como Renato Russo passavam por ali antes da fama. O ano era 1984.

Voltar na memória foi uma experiência extrema. Permaneci um bom tempo a alguns centímetros do chão, como os santos. Você nem imagina como é falar de você e do seu tempo a trinta anos de distância. Saí disso como outra pessoa. Me transformei num chavão: estou em paz comigo mesmo, em paz com aquilo que fui. Em paz com a música. Quando dei o ponto final em Lisboa, em julho de 2016, parecia que tinha entendido tudo sobre a minha relutância inicial em aceitar que a música poderia conviver com a literatura. Porque, na minha cabeça da época, eram duas estrelas distantes entre si. Eu fazia letras como uma pessoa que está de passagem, como o Renato Russo a caminho do Rio de Janeiro para fazer sucesso. O meu Rio de Janeiro era a literatura.

À sombra dos viadutos em flor me colocou em meu devido lugar. Sou (ou fui, depende da estação) um letrista que também escreve livros. Meus livros são a extensão de minhas letras malucas. Sou o que fui, o letrista que agora é escritor e olha para trás a fim de descobrir o jovem roqueiro que foi. O curioso nessa longa mas rápida estrada da vida é olhar no espelho agora e ver que o homem de 60 anos a encarar você ainda guarda dentro dele o músico que inventava frases loucamente amorosas para as músicas do seu grupo. Ele está ali, e ainda me observa do porão do Madame Satã, onde, aliás, estive numa inacreditável festa surpresa que minha mulher armou para mim no ano passado. Uma festa em que o Thomas veio de Londres, onde mora, só para tocar com o Fellini no mesmo porão opressivo e misterioso em que nos apresentamos pela última vez há mais de 30 anos.

Boto muita fé nos meus três últimos livros. Dois deles falam de música. Música é literatura? Se alguém me perguntar agora, responderei que sim. Bob Dylan não foi à cerimônia do Nobel, mas mandou Patti Smi-



Capa do disco *Closer*, lançado em 1980, após a morte do vocalista Ian Curtis.

Reprodução

th em seu lugar. E ela errou logo na entrada do segundo bloco de versos de "A Hard Rain's Gonna Fall". Patti errou por todos nós (eu, você, ele, quantas vezes ainda não erraremos?). E, afinal, a música está em toda parte, é parte da vida de todos nós. Sem contar que a chuva pesada da letra de Dylan está para cair mais uma vez. Quem duvida?

Eu queria fazer literatura, não letras de música. Mas Bob Dylan colocou as coisas em seu devido lugar.

*

Dos meus três últimos livros, o primeiro a sair é *Os discos do crepúsculo,* pela Numa Editora, do Rio. *Os discos do crepúsculo* é meu livro de música. Tudo nele tem a ver com a música. A música está em toda parte. Les Disques du Crépuscule é o selo belga do qual fez parte a namorada de Ian Curtis, Annik Honoré. Quando Ian se matou, a viúva Deborah Curtis a proibiu de assistir ao funeral. Ele estava de viagem marcada para os Estados Unidos, onde o Joy Division faria a turnê que provavelmente iria abrir todas as portas do sucesso para a banda.

Annik morreu em 2014. Eu tinha acabado de entrevistar Deborah por causa do lançamento no Brasil de suas memórias daquele tempo, escritas em 1995. Fiz esse conto em que Annik aparece. A história de Annik, a história do Joy Division, Manchester e São Paulo, a forma como começamos, a forma como o Joy Division começou: a música tem caminhos misteriosos. Há uma conexão entre os nossos mundos. Meu livro reflete tudo isso. E, como se não bastasse, os editores me pediram para ilustrá-lo. Então, é como se fosse uma obra daquele tempo em que meus desenhos andavam distraídos pelas capas dos nossos discos. O conto que dá o título do livro diz isso: "Eu também teria me apaixonado por Annik".

Quanto *À sombra dos viadutos em flor*, reproduzo, pela primeira vez, o trecho que fala do Joy Division:

Tanto Minhoca quanto Alex tinham o álbum póstumo *Closer*, do Joy Division, cuja capa era a foto de uma lápide, tirada no Cemitério Staglieno, em Gênova. Ian Curtis tinha morrido naquele mesmo ano de 1980, mas a capa já estava pronta. Acabou funcionando como sua lápide.

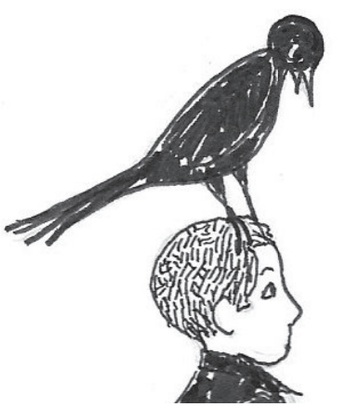
Às vezes, "Isolation", desse disco, tocava num dos quartos. O ouvinte estaria puto ou deprimido, pois era uma canção miseravelmente triste, embora frenética. Mas eles pareciam nunca ficar putos ou deprimidos, apesar das aparências.

Foi o tempo em que, depois da infância, eu mais ri na vida. Essa tensão entre os motivos sombrios de Manchester e o tédio de São Paulo na agonia da ditadura explica muito do que aconteceu em nosso reduto. A diferença entre os tons de cinza das duas paisagens é que nós conseguíamos encontrar na nossa motivos para rir. E ríamos o tempo todo.

Há uma foto conhecida de Adoniran Barbosa sobre o nosso viaduto, tirada em 1982. Em 1983, aquele homem de chapeuzinho de abas estreitas caído de lado, bigodinho fino, gravata borboleta e voz de barbeador elétrico já era um fantasma. Um fantasma que sabia rir, um fantasma ridente como nós, eu, Mato Grosso e o Joca, assombrando o viaduto.

Esta vai para Annik Honoré, onde quer que ela esteja. ■

Cadão Volpato nasceu e vive em São Paulo (SP). Jornalista, atuou em algumas das principais redações da imprensa brasileira, como nos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* e nas revistas *Veja, Época, Trip* e *Capricho*. A partir da década de 1980, participou da banda Fellini, atuando como letrista e vocalista. É autor, entre outros, dos livros *Relógio sem sol* (2009), *Meu filho, meu besouro* (2011) e *Pessoas que passam pelos sonhos* (2012).



CAPA

Nego Miranda

A rua São Francisco, em Curitiba, clicada pelo fotógrafo Nego Miranda. A imagem fez parte do livro *A eterna solidão do Vampiro*, com imagens de lugares icônicos na obra de Dalton Trevisan.

COMO TORNAR-SE INVISÍVEL

A partir do clássico *Ilusões perdidas*, do francês Honoré de Balzac, o tradutor e jornalista **Christian Schwartz** reflete sobre a conflituosa relação entre o escritor e a província, assunto presente na literatura curitibana desde sempre

—Vou me retirar para escrever um novo livro — menti. — Será sobre o quê?
— Sobre Curitiba e seus escritores. — O velho tema.
— É, o velho tema.

Chá das cinco com o vampiro, Miguel Sanches Neto

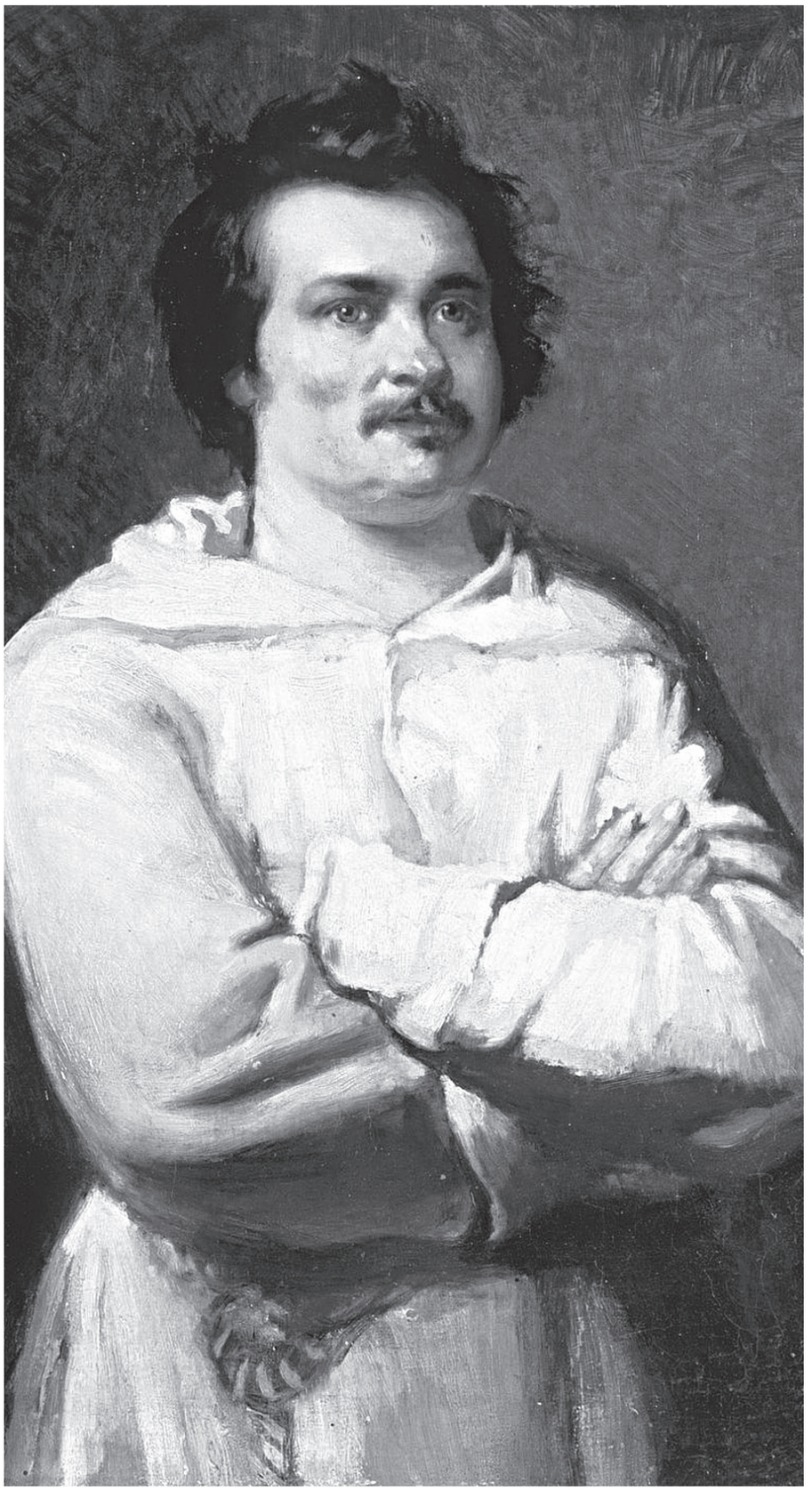
>>>

CAPA

Não há maior antípoda da ambição literária que o estigma do provincianismo. Paradoxalmente, jamais o literato ambicioso estará livre da tentação de, abatido ao limite pela falta de reconhecimento (ou de talento mesmo), render-se até aliviado, até alegremente, a esse seu algoz: por que não agarrar a fama local que se oferece, quem precisa se provar ao exigente e arrogante mundo lá fora, que sabem eles lá na metrópole, quem pensam que são?

Eis aí as "ideias estreitas e maneiras mesquinhas" que, na província, acabam por "se apoderar da pessoa mais distinta", destino de que tratou magistralmente Balzac ao narrar a ascensão e queda de Lucien de Rubempré, em *Ilusões perdidas*, clássico dos clássicos no subgênero da jornada do herói provinciano. Como bem observam os personagens de Miguel Sanches Neto no diálogo da epígrafe acima, Curitiba tem sido cenário constante dessa mesma saga — protagonizada ora pelos literatos ficcionais de romances passados na cidade, ora por seus próprios escritores de carne e osso.

Em *Chá das cinco com o vampiro*, originalmente lançado em 2010 e aguardando reedição pela Companhia das Letras, Sanches Neto expõe sem piedade as entranhas da Curitiba literária entre os anos 1980 e o início dos 2000, retratando sob mal disfarçados pseudônimos, à maneira do *roman à clef*, os escritores locais — todos, inevitável, gravitando em torno do "vampiro" Dalton Trevisan (no livro, Geraldo Trentini). Recém-chegado a Curitiba, o herói do romance, Beto, ganha destaque nos círculos literários da capital não como autor, mas como crítico literário. (O Lucien, de Balzac, embora também se sobressaísse nas lides da crítica e de um jornalismo de ataques e achaques, até o fim aspirou à poesia.)



O escritor francês Honoré de Balzac, autor do clássico *Ilusões perdidas*, que apresenta a saga do anti-herói Lucien de Rubempré.

Chá das cinco narra a primeira de duas versões clássicas da jornada do herói provinciano: saído de um ambiente impossivelmente miserável — geralmente uma cidadezinha poeirenta do interior do Brasil, e o Paraná as tem aos montes —, o protagonista chega à metrópole apenas para, pouco tempo depois, decepcionado ou escorraçado, voltar à vida rural e iletrada de antes. Com sorte, é possível que ainda consiga retomar um simulacro de vida cultural nos cafundós de onde saiu — caso do professor Matozo, personagem de um dos melhores e menos conhecidos romances de Cristovão Tezza, *A suavidade do vento*.

Mestre-escola admirado por

Os autores Miguel Sanches Neto e Cristovão Tezza na Biblioteca Pública do Paraná, em evento em homenagem a Jamil Snege.

suas estudantes secundaristas, Matozo mantém uma rotina secreta de escritor no cafofo de solteirão onde vive, bebe e escuta sempre o mesmo disco do Pink Floyd — estamos nos anos 1970 — em alguma cidadezinha perdida no oeste paranaense, a pouca distância da fronteira com o Paraguai, seus cassinos e uísques baratos. Ao mesmo tempo, o professor, que secretamente despreza a elite local sócia do Rotary e assídua na missa de domingo, frequenta um bar onde partilha a mesa de general com dois ou três broncos da cidade, inclusive um pretenso rival, dono de jornal e gráfica com veleidades intelectuais.

Antes que o destino encarnado na repórter de uma revista de Curitiba apareça para lhe pregar uma peça, e que Matozo enfim empreenda sua jornada à "metrópole" (a acanhada capital paranaense nos anos 1970 dificilmente se qualificaria como tal sem as aspas), o aspirante à glória literária, aleijado por um torcicolo nervoso que não o abandona, é obrigado a se contentar com o único confessor que encontra para suas angústias, um dos parceiros de bar, o Gordo:

— Vou embora daqui — quase disse Pasárgada, mas mordeu a língua a tempo.

O Gordo irritou-se, enchendo outro copo:

— Para onde? Você não tem onde cair morto!

A boca contorcida, a dor, o pescoço inchado:

— Pra Curitiba, São Paulo, sei lá.

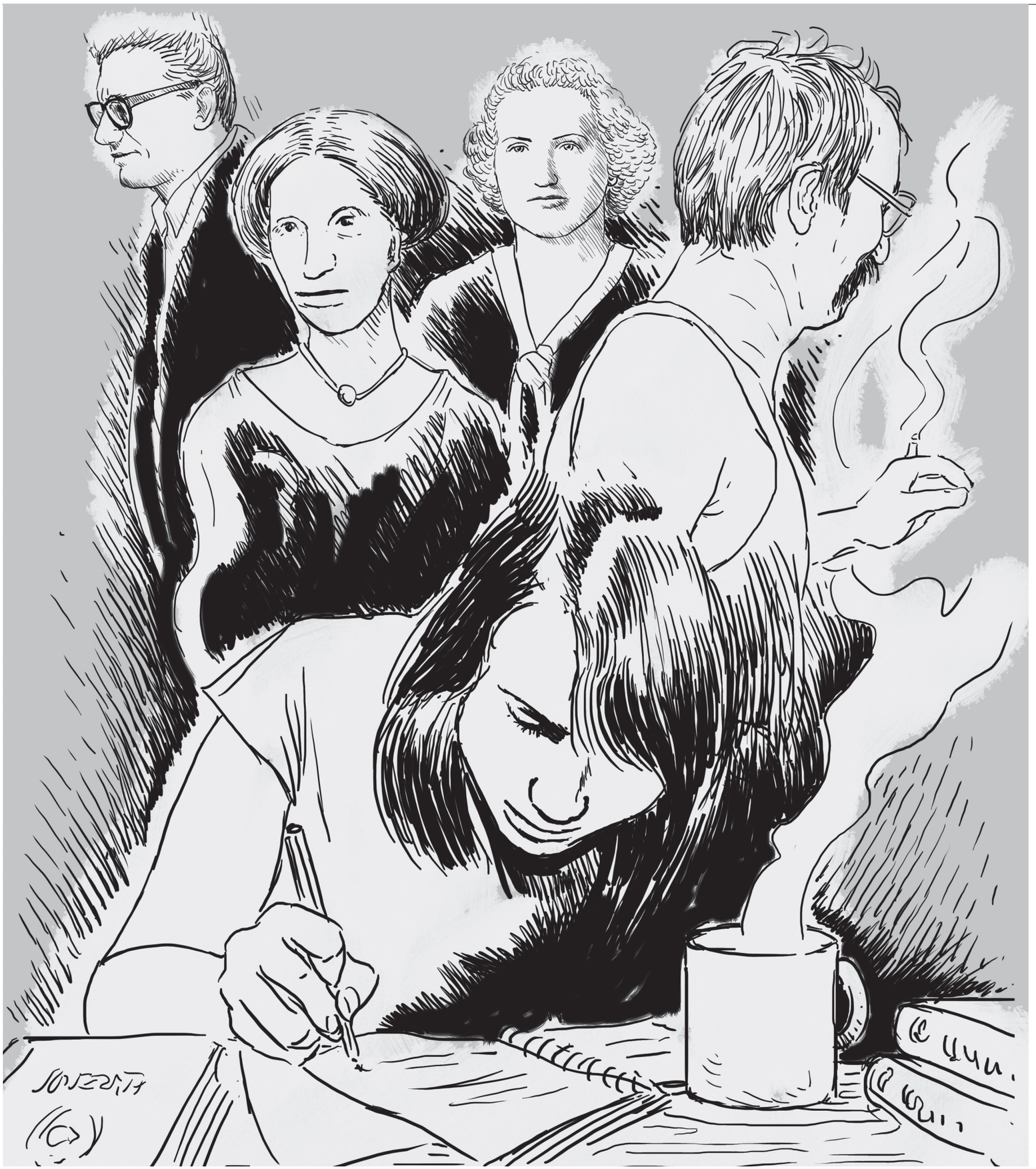
Agora a gargalhada:

— Mas é um idiota! Tem que se foder mesmo! [...] Você não vê que o futuro está aqui? [...] E sem falar que vida em cidade pequena é muito melhor, mais tranquila, todo mundo é amigo, se ajuda, aqui você é alguém! Vai! Vai pra São Paulo e vê se aguenta dois dias. Vai lá!

[...]

>>>

CAPA



Escritores
parananeses
na visão do
quadrinista Rafael
Campos Rocha.

— Só me diga uma coisa, Matozo: o que você tem feito esses anos todos?

— Escrevi um livro — deixou escapar Matozo, sentindo imediatamente o chão fugir dos pés e a agulha se enterrando no pescoço.

O romance que Matozo escreveu e precariamente publicou, pagando do bolso pela edição modesta, ganha enfim as páginas da tal revista de Curitiba — e a vida secreta do professor é exposta à sociedade local. Em *A suavidade do vento* — este também o título do livro de Matozo, aliás J. Mattoso, seu *nom de plume* —, Tezza conta a história do herói que se liberta, aparentemente, da estreiteza da província, mas dando-lhe contornos de fábula moral, como se seus personagens atuassem num palco, ou melhor, num quadro delimitado pela moldura pós-moderna de prólogo e epílogo, revelando Matozo como o autor do próprio livro que lemos. De bebedeira em bebedeira, perdido na noite da cidadezinha, o professor acaba tristemente declamando seus rancores ao dono do boliche local:

— Essa terra não serve nem para morrer. A alma espicaçada pela eternidade. Pó e trevas. [...]

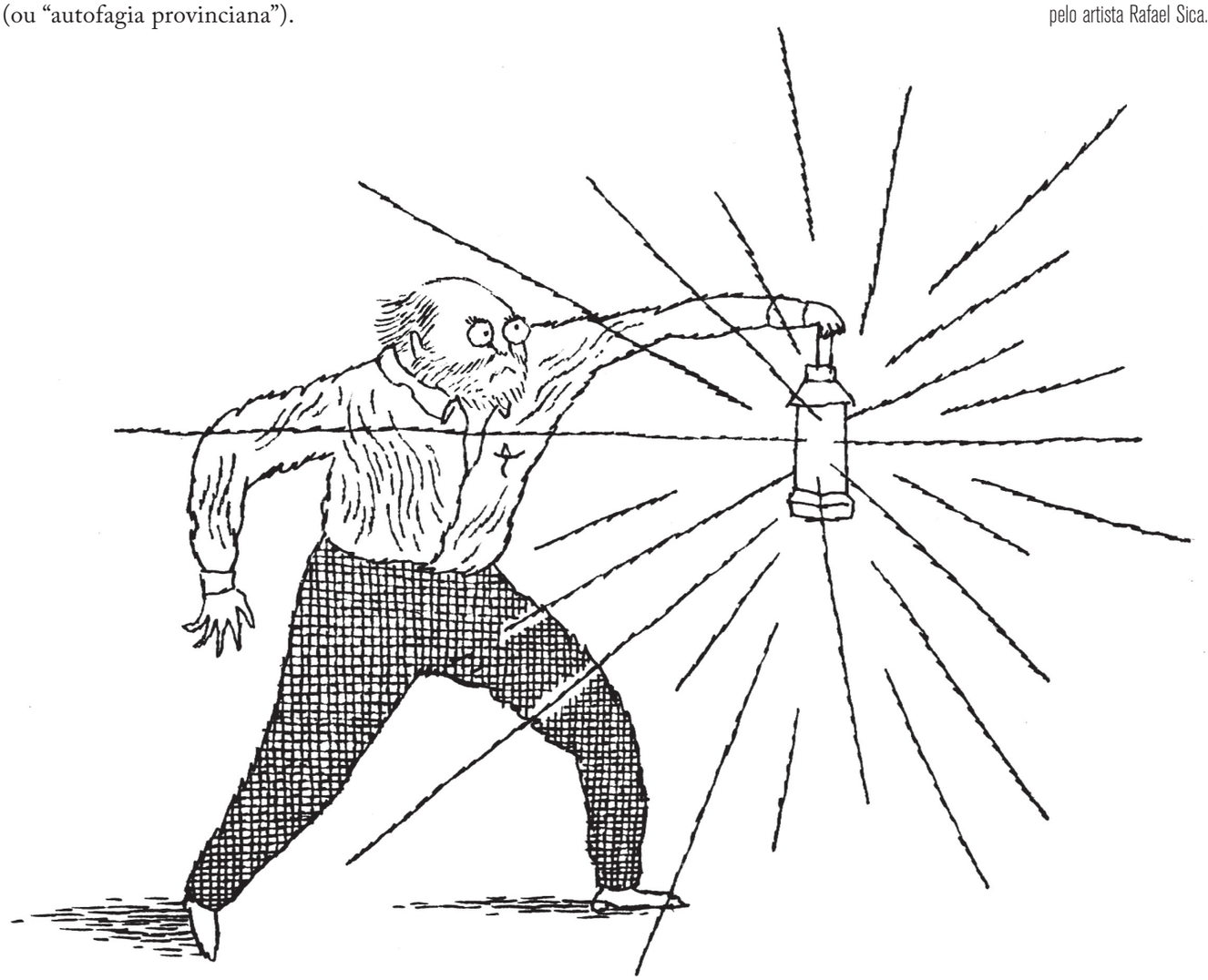
— O senhor ainda vai voltar, professor! Quem bebe dessa água...

Eis o destino fatal — a queda — a que o literato ambicioso saído da província estará sempre condenado: voltar.

O fracasso do herói

Mas há uma segunda versão clássica da jornada do herói provinciano; nela, ele jamais consegue alçar voo, irremediavelmente acorrentado à pequeneza de suas origens. Curitiba produziu, e continua a produzir, alguns personagens assim — só que na vida real: como se, desavisados, invadissem o mundo que deveriam criar, um passo e se fundem à projeção ficcional; cruzando o limiar da tela veem-se, súbito, dentro do filme. E aqui, talento à parte, talvez não tenha havido figura mais paradigmática do que Jamil Snege.

Falando de Jamil, Cristovão Tezza apontou para "uma certa ideia docemente provinciana de que 'aparecer' é algo agressivo, ou, igualmente, é algo que nos deixa desarmados, à mercê do olhar alheio". O problema desse "misto de pudor e timidez" (nas palavras do mesmo Tezza, ele próprio antigo discípulo de Jamil) — uma atitude que, no limite, se torna desdém por qualquer tipo de reconhecimento mais amplo — é desconsiderar que a província também não costuma tratar muito bem seus filhos mais diletos. O reverso da medalha do provincianismo é a autofagia — talvez o melhor mesmo fosse jamais separá-los: sempre dizer "provincianismo autofágico" (ou "autofagia provinciana").



Jamil Snege retratado pelo artista Rafael Sica.

>>>

CAPA

Jamil batia no peito para afirmar que lhe bastavam seus "quatrocentos ou quinhentos leitores fiéis", mas boa parte de seus textos foi dedicada, paradoxalmente, a repisar o tamanho da indiferença de outros tantos milhares a, conforme reza uma de suas crônicas mais conhecidas, qualquer pessoa com "talento genuíno" em Curitiba — a ele, Jamil, mais do que todos, obviamente.

Numa longa conversa de mestre para discípulo que tem com Beto em *Chá das cinco* enquanto prepara uma sopa de cebola, sua especialidade como cozinheiro, naquela que é certamente a mais tocante cena do romance pelo retrato do escritor como pacato homem doméstico, o Turco (como Jamil era conhecido; codinome Akel na cena em questão) é algo assertivo na metáfora com que execra a autofagia local:

— Essa gentinha filha da puta faz de tudo para te destruir. São caçadores de peru. Sabe como se caça peru? Atirando naquele que levanta a cabeça. Aqui só sobrevive quem não se sobressai. Por isso é uma cidade tipicamente classe média.

Por fim, é curioso constatar que, nessa segunda versão clássica da história, mesmo sem ter chegado a partir em sua jornada, o provinciano é capaz de defender filosoficamente essa espécie de eterno retorno a que estaria, *a priori*, condenado. É ainda o mesmo Akel/Jamil quem reflete:

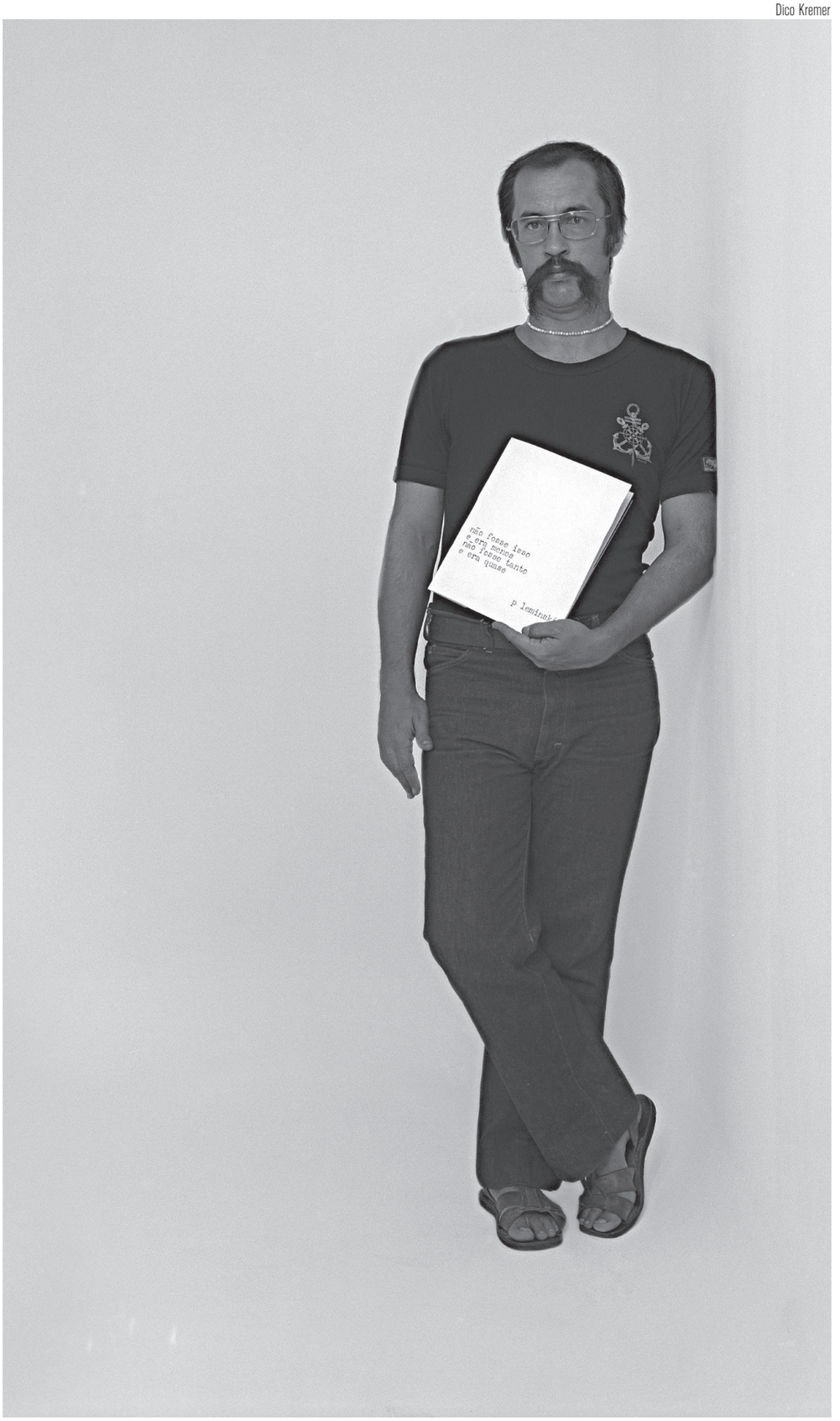
— Nunca conheci uma pessoa que não sonhasse com o caminho de volta. [...] Eu sempre quis sair de Curitiba. Era meu sonho e vivia frustrado. Agora, que sei que nunca vou sair, estou mais tranquilo. Aceitei a cidade que não me aceita.

A reflexão ecoa, quase literal, uma das falas mais lembradas de outro curitibano condenado à província, mais um desses heróis aos quais resta apenas uma anti-jornada, por assim dizer — o poeta Paulo Leminski: "Eu jamais consegui morar em outro lugar por muito tempo. Agora, aos 40 anos, estou mais tranquilo, pois descobri que sou como o pinheiro, que não se pode transplantar".

A província revisitada

Leminski, sempre um personagem, ressurge no mais recente romance brasileiro a tratar do tema inaugurado por Balzac: *Até você saber quem é*, do diplomata curitibano Diogo Rosas G. Como no livro de Miguel Sanches Neto, aqui também o cenário é uma espécie de "mítica" cidade literá-

Dico Kremer



O poeta Paulo Leminski em foto do amigo Dico Kremer. O autor de *Catatau* problematizou sua relação com Curitiba em diversos poemas e textos.

ria, a Curitiba dos anos 1980 e 1990; Rosas G. opera, porém, uma variação sobre o tema ao fazer que a jornada — e seu final trágico mais do que apenas melancólico, neste caso — seja vivida paralelamente por dois amigos.

Daniel — o talento provinciano cujo genial romance de estreia, rara combinação de alta literatura com sucesso de público, o alça à situação inverossímil de se ver adulado e reverenciado da província a Paris — e o narrador, Roberto, que passa a acompanhá-lo como seu agente literário, se conhecem ainda muito jovens no prédio histórico da Universidade Federal do Paraná: um, estudante de Direito, o outro, de Comunicação.

As confidências entre os dois amigos — longos papos de bar em bar, naquela Curitiba "mítica", ou intermináveis conversas telefônicas, quando Daniel se muda em definitivo para São Paulo antes de Roberto — e ainda a eventual correspondência entre eles, no clássico recurso epistolar do qual Balzac já havia tão brilhantemente lançado mão em *Ilusões perdidas*, são a oportunidade perfeita para que o romance de Rosas G. acerte as contas com a angústia da influência de toda uma geração. Assim é que Daniel, de seu autoimposto exílio europeu pós-fama, depois de impiedosamente dizer de Leminski que "minha nossa, como ele é fraquinho, coitado, [...] pueril e constrangedor...", escreve a Roberto citando o trecho de outra carta (esta real), na qual o poeta de *Caprichos e relaxos* conta a Régis Bonvicino, no Natal de 1978: "Estou estudando russo. desta vez, aprendo MESMO! no sebo, aqui, feira dos livros usados, um engenheiro polaco vendeu sua biblioteca em russo. Quem iria comprar? Comprei tudo por um preço irrisório".

O comentário de Daniel, vinte e cinco anos depois (e quase quinze passados da morte precoce de Leminski), escrevendo a Roberto em outro Natal, agora da própria Paris de Balzac e Lucien de Rubempré, exala toda a carga dramática da jornada do herói provinciano.

"Imagine a cena, Roberto: a mesma cidade, o mesmo sebo. Curitiba nos anos 1970, o sujeito encontrando uma biblioteca perdida, lendo, explorando aquele tesouro, fazendo um esforço para aprender russo sozinho sem ter com quem dividir nada daquilo, preso entre meia dúzia de bichos-grilos e uma multidão de alemães e polacos satisfeitos com o milagre econômico. O isolamento, a solidão. Nada mudou, nada nunca vai mudar. Aqui, em Paris, no Natal de 2003, percebi que eu fui ele, e depois outro será eu, e todos nós enlouqueceremos aos poucos e morreremos uma morte triste."

Daniel Hauptmann não tinha, portanto, outro caminho senão abandonar a província natal sem olhar para trás — e para nunca mais voltar: eis uma particularidade da versão de Rosas G. para essa velha história. "'Tenho que sair daqui! Tenho que ir embora, Roberto', dizia, com os olhos carregados de desespero", quando os dois amigos eram só dois universitários sonhando com a glória literária nas escadarias do prédio histórico da Federal. É quando Daniel, transfigurado por um "momento de *heureca* [...] sobre a litania dos nomes [do diabo] no *Grande sertão*", firma seu peculiar pacto faustiano e, cada vez mais alucinado, passa a perseguir a obra-prima pela qual acreditava que inscreveria o próprio nome entre os imortais da literatura:

— Era óbvio desde o começo, não era? Se eu mesmo percebi que faltava um bom retrato do Demônio na literatura brasileira, como poderia ser mais óbvio? Eu vou criar esse retrato, Roberto, e ele vai me tirar daqui.

O fim trágico d'*A vida do escritor brasileiro de Daniel Hauptmann, narrada por um amigo*, biografia em que seu amigo Roberto revela toda a saga, tem a ver com essa assombração demoníaca a pairar sobre a cabeça do jovem gênio provinciano — o espectro que ronda toda ambição literária. Um fantasma que, na cena curitibana, bem poderia tomar a forma de outra popular figura das trevas. Akel/Jamil e seu discípulo Beto, para voltarmos uma última vez ao *roman à clef* de Miguel Sanches Neto, aludem a ela:

>>>

CAPA

— Na verdade, não somos pessoas, mas personagens.

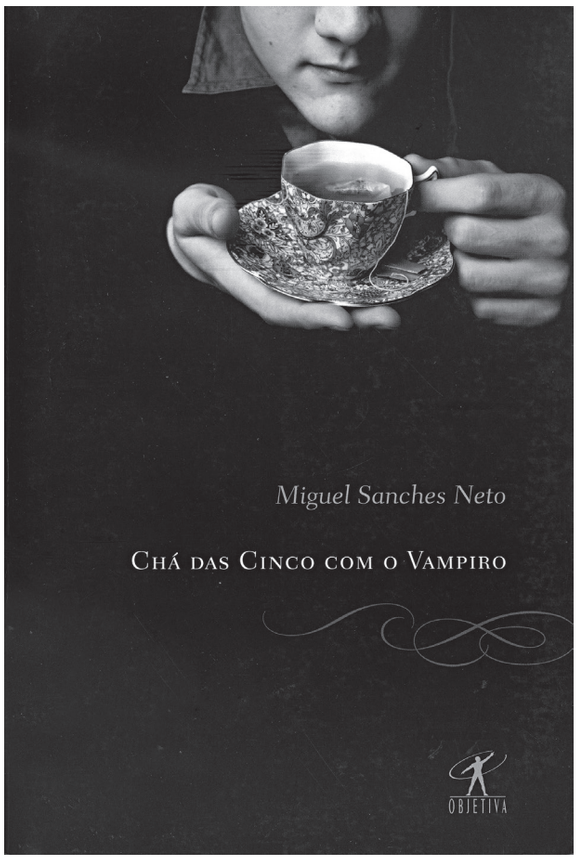
— Essa é nossa desgraça, somos mais personagens do que escritores. O Geraldo também é um personagem, mas tem uma obra.

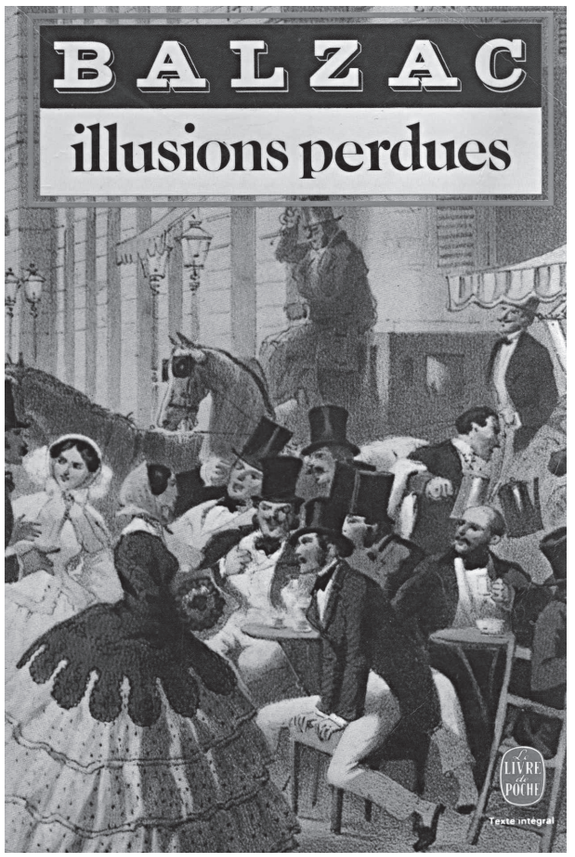
Geraldo Trentini — ou Dalton Trevisan — é a sombra maior a se projetar sobre a Curitiba literária, emprestando-lhe a aura mítica tão conhecida e explorada nos romances lembrados neste ensaio. Quando Matozo, o mestre-escola do interior em *A suavidade do vento*, finalmente aporta na capital para, em pouco tempo, abdicar de seu frágil orgulho intelectual, renegando a própria obra e voltando à respeitabilidade medíocre (mas garantida!) de que gozava na cidadezinha poeirenta da qual saíra, Tezza cria esta cena — baseada em situação real, ao que consta — na qual encapsula a esmagadora influência do "vampiro", ao mesmo tempo expondo-a em sua banalidade cotidiana: uma noite qualquer na Curitiba dos anos 1970, onde Dalton Trevisan distraidamente ia deixando a vida para adentrar o território do mito.

"À saída [do cinema], Matozo surpreendeu-se com a brutalidade do frio e refugiou-se num café quase vazio. Do balcão, trêmulo, com pouco controle sobre as mãos e os dentes, ouviu um grupo de encapotados comentando o filme. Um homem de rosto seco, óculos pesados de míope, achava que a câmera tinha sido cruel ao flagrar Ann-Margret entrando nua no banheiro; coxas excessivas, pelancas visíveis. Ouviu protestos bem-humorados. Matozo demorou-se com o café, orelhas e olhos atentos. Num momento, teve a sensação de que falavam de literatura. Aproximou-se discreto, mas o grupo logo se desfez, um para cada lado. As pessoas todas se dissolviam, rarefeitas no frio."

É espantoso pensar que há mais de sete décadas um rarefeito Dalton Trevisan — em que pese a obra universal, o maior provinciano que já existiu, eterno morador do Alto da XV, nos bons tempos um espirituoso comentador de filmes à saída dos cinemas do centro — mantenha essa ascendência sobre a vida literária da cidade. No caderno especial do jornal *Gazeta do Povo* em comemoração a seu aniversário de 90 anos, um amigo, falando anonimamente, assim como todos os outros que aceitaram dar ali seus depoimentos, definiu: "Nunca um escritor tão grande esteve tão presente por tanto tempo em um universo literário tão pequeno como acontece com Dalton e Curitiba".

Na opinião do jornalista Sandro Moser, na sequência do mesmo texto: "Nem a presença claustrofóbica de Jorge Luis Borges na Argentina seria tão impactante como a que a genialidade internacionalmente reconhecida de Dalton provoca em sua cidade natal, de onde saiu uma única vez". Moser lembra, em seguida, o célebre fato de que "o autor de *Pico na veia* fez uma única e rápida viagem para a Europa no ano de 1950", e perspicazmente aponta: "Mais importante do que tentar descobrir por onde andou e o que fez Dalton por lá,





é exercitar a imaginação: o que seria de Curitiba se Dalton tivesse resolvido não voltar? Como teríamos vivido sem sua presença nos últimos 60 anos?"

"Mesmo recluso e com suas idiossincrasias", declarou sob anonimato outro amigo à edição especial da *Gazeta*, "vejo Dalton mais como um sol na eterna meia-noite de nossa insignificância do que como essa figura vampiresca; nós é que nos aproveitamos dele." Talvez o "vampiro" ou, para alguns, o "demônio" de Curitiba — aquele que manteria sob feitiço todos esses personagens-escritores amaldiçoados pela sina provinciana — não passe mesmo de ilusão. Dalton Trevisan, afinal, transformou sua província no mundo inteiro. Nunca precisou empreender a jornada imposta por Balzac a Lucien de Rubempré. Não venham agora culpá-lo porque nela tantos fracassaram, continuam a fracassar e ainda fracassarão. ■

Christian Schwartz nasceu em Curitiba em 1975. Formou-se pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 1997 e, como jornalista, trabalhou na rádio CBN e nas revistas *Placar* e *Veja*, da qual foi correspondente na Amazônia. Estudou língua e literatura francesas na Universidade Paris IV (Sorbonne), na França, e cursou pós-graduação em literatura na University of Central England (UCE), em Birmingham, etapa de sua formação concluída na UFPR com um mestrado em Estudos Literários. Traduziu autores como Jonathan Coe, Nick Hornby, Hanif Kureishi, Graham Greene, Philip Roth, Jeffrey Eugenides, F. Scott Fitzgerald e Nathaniel Hawthorne. Schwartz atualmente vive na Inglaterra.

POEMAS | ALVARO POSSELT

Como ela rebola
Rainha do carnaval
a minha vitrola

• • •

Um vulto no muro
Não fuja! Pia a coruja
e some no escuro

• • •

Ah, Wilson Bueno!
Que embalo tem o cavalo
desse tio Roseno

• • •

Fico sem respostas
A minha sombra
me apunhalou pelas costas

Não estou aqui a esmo
Sou uma pedra no sapato
de mim mesmo

• • •

Finzinho de tarde –
O passo maior que a perna
minha sombra sabe dar

• • •

A chuva na calha
Escravo do sono eu travo
a mesma batalha

• • •

A noite me pôs
um fósforo nos olhos
e voltou a ser negrume ■

Alvaro Posselt nasceu em Curitiba, em 1971. É professor de língua portuguesa e poeta. Tem cinco livros publicados, entre eles *Tão breve quanto o agora* e *Entre arranhões e lambidas – haicais & gatos*. Alguns de seus haicais foram escolhidos pelo projeto "Giz e aprendiz" (que revitaliza a cidade) e podem ser conferidos nos muros de centro da capital paranaense. Posselt vive em Curitiba (PR).

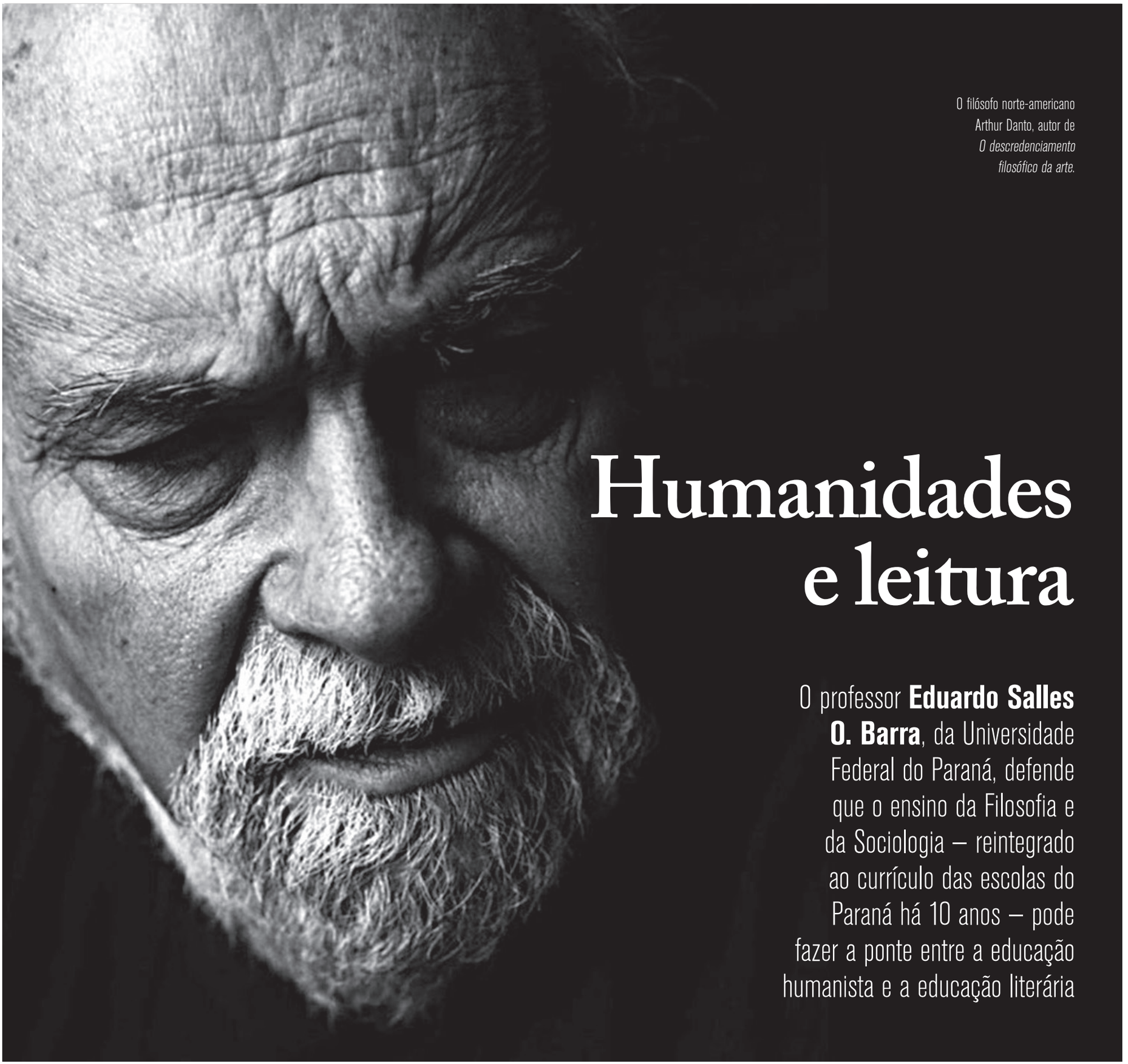
POEMA | **GERSON MACIEL**

VÃ

A minha primeira paixão juvenil
não bradou com frenesi,
a tão pungente desdita.
A alma sofreu um talho lancinante.
Logo após,
a censura desmoronou meu alento.
Até mesmo,
as imagens quedaram-se turvas,
no clarão dos penhascos de minhas retinas.
Nenhum lenitivo fez-se eficaz,
para o meu dissabor.
O revés,
tornou-se superior e diverso de meu intento.
Em tempo algum houve iniquidade entre nós
Palavras minúsculas e maiúsculas,
visíveis e indecifráveis,
intimidades desconhecidas,
indomáveis e incontidos pudores,
explicitamente, entrecruzaram,
nossas penugens de cumplicidades.
Todavia,
a fim de transpor a borrasca,
que a secessão provocou,
tivemos de pôr do avesso nossos corações.
O que remanesceu desta abarrotada mancebia juvenil,
valeu, acima de tudo, pelas nossas vidralhadas moídas.
Ao mesmo tempo em que foi intensa,
tão grande indigestão,
instigada pelos fragmentos,
descomedidos,
de nossas vidraças esmigalhadas.
No epílogo deste enredo,
o que mitigou nosso desamor,
tangeu o legado que este deixou. ■

Gerson Maciel é escritor e poeta. Vive em Curitiba (PR).

ENSAIO



O filósofo norte-americano Arthur Danto, autor de *O descredenciamento filosófico da arte.*

Humanidades e leitura

O professor **Eduardo Salles O. Barra**, da Universidade Federal do Paraná, defende que o ensino da Filosofia e da Sociologia – reintegrado ao currículo das escolas do Paraná há 10 anos – pode fazer a ponte entre a educação humanista e a educação literária

Há cerca de uma década a escola brasileira passou por uma mudança bastante *sui generis*. Nada que envolvesse eloquentes promessas de medidas redentoras nem autoproclamadas revoluções pedagógicas de amplo alcance. A mudança em questão consistiu na simples inclusão da Filosofia e da Sociologia como disciplinas obrigatórias no currículo do ensino médio. Isso ocorreu em 2006 nas escolas do Paraná e foi estendida às escolas do restante do país dois anos mais tarde.

É óbvio que a simples inclusão de duas disciplinas numa grade curricular — já excessivamente diversificada e saturada, segundo alguns especialistas — não pode representar qualquer mudança de vulto. Ocorre, entretanto, que a referida inclusão ampliou a presença das humanidades nos currículos escolares. Em vista disso, muitos encararam esse acontecimento como um retorno. A ampliação da presença das humanidades nos currículos escolares, sim, pode ser considerado um acontecimento extraordinário. Desde o início dos anos 1960, o espaço ocupados pelas humanidades nas escolas foi progressivamente reduzido. Primeiro, sumiu o Grego e, logo em seguida, o Latim e a Filosofia tiveram o mesmo destino. Chegamos ao mínimo de apenas restarem a História, a Geografia e o Português, como disciplinas obrigatórias dessa área. Os horários destinados às aulas dessas disciplinas foram, concomitantemente, reduzidos para dar lugar às demandas das disciplinas consideradas mais decisivas para a formação profissional ou para a aprovação nos vestibulares.

Com o retorno da Filosofia e Sociologia, essa tendência parece que foi finalmente revertida. O Paraná foi o primeiro Estado brasileiro em que a inclusão da Filosofia e da Sociologia foi regulamentada por uma lei estadual (Lei 15.228/06 de 25/07/2006, de iniciativa do Deputado Ângelo Vanhoni), com amplo apoio do então Secretário de Estado da Educação, Maurício Requião. A medida foi uma conquista de professores e estudantes paranaenses de Filosofia, que tiveram atuação destacada na mobilização para que uma medida idêntica fosse adotada em todo o país. Essa mobilização — conhecida como movimento pelo retorno da Filosofia e da Sociologia ao ensino médio — teve início ainda nos anos 1970, sob a liderança da extinta Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF). Nas décadas seguintes, ela foi intensificada por um número crescente de eventos, atos públicos e publicações. A sua grande conquista ocorreu, finalmente, com a alteração da LDB de 1996 e a determinação de que fossem "incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio" (por meio da Lei Federal nº 11.684/08, de 02 de junho de 2008).

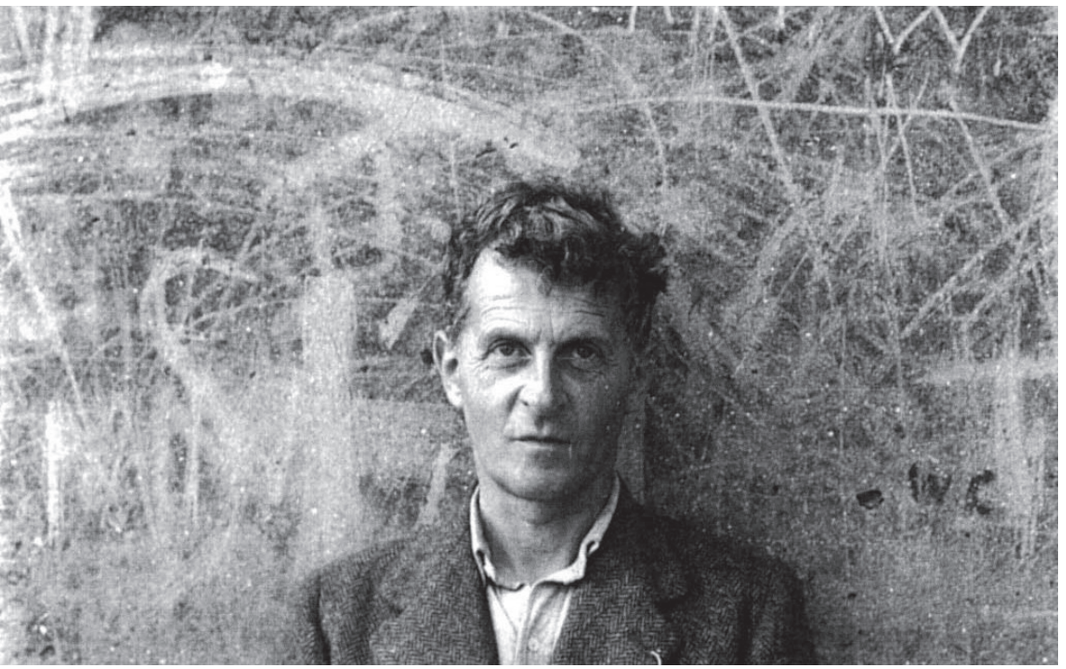
Todavia, é importante encarar essa conquista mais como uma ação visando a melhoria da qualidade da educação escolar do que como uma ação em defesa dos interesses de qualquer segmento da comunidade escolar ou universitária. Nesse sentido, é indispensável observar o que diz a Lei Estadual 15.228/06 sobre ambas as disciplinas: deverão ter "por objetivo consolidar a base humanista da formação do educando". É óbvio que se pode entender coisas muito diversas por "base humanista". Pode-se entender, por exemplo, o sentimento de pertencimento à humanidade, o sentimento altruísta de solidariedade ou a mera filantropia. Mas também pode-se admitir que uma "base humanista" seja mais precisamente as condições para o pensamento livre e autônomo, a capacidade de pensar por si mesmo, que fora o objetivo das pedagogias inspiradas nas humanidades, desde os seus antecedentes na antiguidade e na Renascença.

Conhecimento e leitura

Mas, em termos bastante concretos, como a ampliação da "base humanista" pode efetivamente contribuir para a melhoria da qualidade da educação escolar? Creio que o modo mais eficaz de responder a esse tipo de pergunta — cuja inspiração pragmática não deixa de ser um equívoco — é remetendo às estreitas relações entre educação humanista e educação literária, de tal modo a sustentar que não seria nenhum exagero também esperar que uma maior presença das humanidades nos currículos escolares resultasse adicionalmente numa maior presença dos livros e das leituras nas escolas. Pois senão, vejamos.

>>>

ENSAIO



O austríaco Ludwig Wittgenstein, um dos maiores pensadores do século XX.

É praticamente impossível estudar Sociologia sem referenciar-se em algum momento a um ou mais dos três grandes teóricos clássicos dessa área: Durkheim, Weber e Marx. Do mesmo modo, nada adiantaria querer ensinar Filosofia e omitir qualquer menção a filósofos como, por exemplo, Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, Hegel, Heidegger ou Wittgenstein. Hoje, nas salas de aula do ensino médio brasileiro, convive-se com esses pensadores e com suas ideias com a mesma frequência — e, eventualmente, com os mesmos temores estudantis — com que há muito se convive com as ideias de Newton, Lavoisier, Mendel, Darwin, Coulomb ou Linus Pauling. Mas com uma diferença muito importante: as ideias dos filósofos e dos sociólogos não estão incorporadas a modelos explicativos, a esquemas formais ou, menos ainda, às suas aplicações exemplares. Elas estão incorporadas a textos. Elas são intrinsecamente dependentes da linguagem discursiva. Filósofos e sociólogos valem, pois, não apenas pelo que pensaram, mas também — e talvez sobretudo — pelo que escreveram e pelo modo como o fizeram.

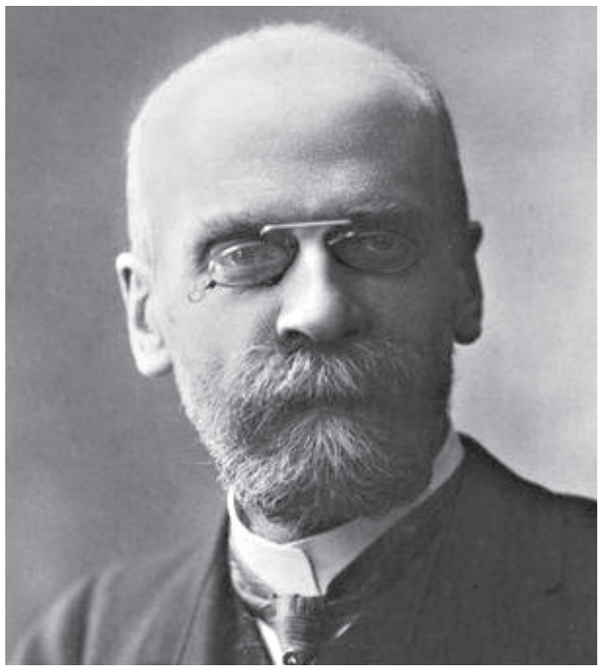
Esse fato, por si só, seria suficiente para uma renovação do ambiente intelectual na educação escolar. Todos estamos conscientes de que a leitura é uma experiência ainda rara no cotidiano dos nossos jovens e, por conseguinte, de nossas escolas. O fato de que aprender Filosofia e Sociologia exige uma intensa convivência com textos e leituras representa, no mínimo, um aliado de peso para reverter as insuficiências das nossas iniciativas de formação de leitores. Mas o aumento da frequência dos estudantes aos textos e às leituras seria apenas uma entre muitas outras razões pelas quais as novas humanidades escolares podem contribuir para a multiplicação das práticas de leitura na escola.

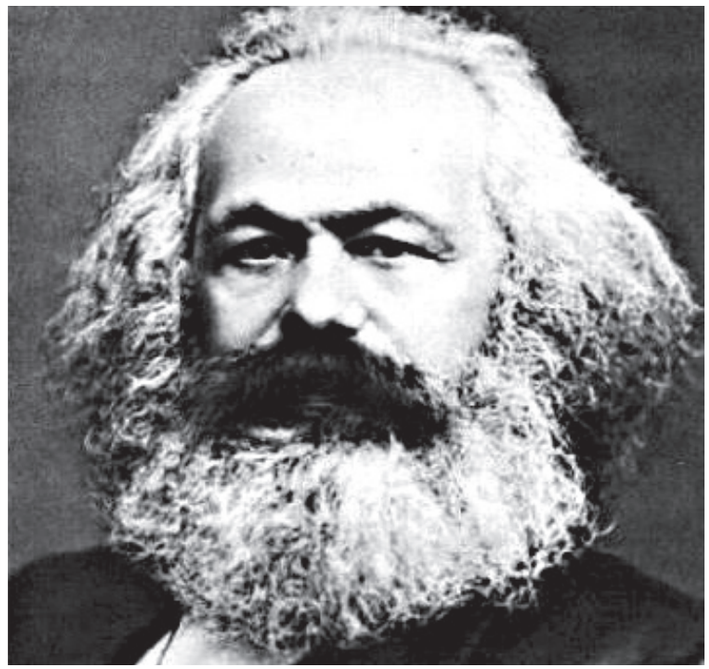
No caso particular da Filosofia, a leitura não é um mero um instrumento pedagógico. A leitura ocupa um lugar central no exercício da própria atitude crítica que caracteriza a Filosofia — e isso, de uma forma ou de outra, pode ser também identificado em todas as humanidades. Nas esclarecedoras palavras de um eminente filósofo contemporâneo, Arthur Danto, "o conceito de verdade filosófica e a forma de expressão filosófica são internamente relacionados", de tal modo que ao tentar "aplainar" as "formas aparentemente inevitáveis de se apresentar" uma determinada obra — por exemplo, *A república*, de Platão, ou as *Meditações*, de Descartes — é muito provável que se terá "perdido no processo algo central para esses modos de escrita". E Danto conclui: isso sucede aos textos filosóficos "porque se tenciona que aconteça para o leitor algo que seja diferente de ser informado, ou um acréscimo a isso." (*O descredenciamento filosófico da arte*, Autêntica Editora, 2015) Aquilo que anteriormente foi chamado de pensamento livre e autônomo pode muito adequadamente ser identificado ao que Danto se refere acima como algo distinto da mera informação ou como um acréscimo a ela.

O sucesso insatisfatório das ações para formação de novos leitores deve-se, entre outros tantos fatores, à insistência nas desgastadas fórmulas de que a leitura é um hábito, que a leitura requer uma técnica, que a leitura conduz ao conhecimento, que a leitura é sempre um prazer, etc. Esse é o diagnóstico de Percival Brito, um destacado estudioso desse tema, cujos argumentos sustentam que as políticas inspiradas nessas fórmulas — que conjugam erros crassos com trivialidades banais — mais prejudicam do que contribuem para reverter o déficit de bons leitores que hoje constatamos. Nas suas palavras, "faz-se necessário fazer a crítica da máxima tão difundida de que a leitura conduz ao conhecimento e assumir que se trata exatamente do contrário: é o conhecimento que promove a leitura" (*Inquietações e desacordos: a leitura além do óbvio*. Mercado das Letras, 2012). O que as aulas de Filosofia e Sociologia podem, então, proporcionar aos nossos jovens em idade escolar são justamente as circunstâncias, a "base humanista", para a sua inserção nessas práticas.

Humanidades escolares

Mas, diante dos graves e recalcitrantes problemas enfrentados hoje pelas





Três grandes clássicos:
Durkheim, Weber e Marx.

escolas não seria um luxo — quiçá uma forma de elitismo — querer oferecer aos nossos estudantes ideias e textos produzidos em épocas e contextos tão distintos dos nossos, a pretextos de restaurar o paraíso perdido das humanidades escolares? Como podemos querer — conforme advertiu um célebre professor de Filosofia da mais prestigiosa universidade brasileira — que nossos jovens leiam e compreendam Platão, Kant, Marx ou Weber se ainda não fomos capazes de lhes ensinar o suficiente de disciplinas mais elementares e propedêuticas, tais como o Português e a Matemática? Para responder a esse último tipo de contestação, basta retomar a inversão proposta por Brito da relação de determinação entre leitura e conhecimento: "Aprender a ler e escrever na escola deve ser muito mais que saber uma norma ou desenvolver o domínio de uma tecnologia para usá-la nas situações apropriadas; aprender a ler e escrever significa dispor do conhecimento elaborado e poder usar deste conhecimento para participar e intervir na sociedade"

Para responder ao argumento mais sutil acerca da relação entre humanidades e elitismo, é preciso, inicialmente, reconhecer a sua plausibilidade. De fato, a consolidação dessa nova "base humanista" que há uma década foi oficializada nas escolas do Paraná, entre os seus tantos desafios, precisa renovar as humanidades como projeto educacional. Não seria honesto romantizar o passado ofuscando o incontestável elitismo das aulas de Latim e Filosofia da escola secundária brasileira da primeira metade do século XX. Torna-se indispensável, pois, enfrentar o desafio de reinventar as humanidades escolares no Brasil. E, sendo assim, nenhuma direção parece ser mais promissora para alcançar esse objetivo do que se orientar pela formação do pensamento livre e autônomo, da capacidade de pensar por si mesmo.

Há dez anos as escolas paranaenses enfrentam esse desafio. Os resultados talvez não sejam ainda suficientemente visíveis para que se possa fazer um diagnóstico do seu êxito. Mas, ao apostar numa sólida ampliação da base humanista por meio da Filosofia e da Sociologia, o Estado do Paraná deu um passo importante para o surgimento de novos vetores daquilo que é essencial para a construção de uma sociedade de mulheres e homens verdadeiramente livres e autônomos: uma escola comprometida em promover o pensamento "adequado à liberdade". ■

Eduardo Salles de O. Barra é professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde também exerce atualmente a função de Diretor do Setor de Ciências Humanas. Foi também professor de Filosofia no extinto 2º Grau (hoje Ensino Médio), quando a disciplina estava retornando experimentalmente em algumas escolas. Gostava de ler e discutir com seus alunos *O existencialismo é um humanismo*, de Jean-Paul Sartre.

Este artigo é uma versão resumida do texto do mesmo título publicado nos anais da Virada Filosófica 2016, editado por Gleisson Schmidt, a ser publicado em breve.

CONTO | **FLAVIO JACOBSEN**

Ilustração: **CDG**

ANNO DOMINI 1972

Em criança, levado para assistir à Missa do Galo pela avó, paróquia de Santa Cecília. Quatro anos de idade, ainda chorava, resistia, ante as assustadoras imagens de penitência e sangue. Havia algo de Sade no ar. Tudo se transformava quando dava início o coral. O paraíso vinha. Nas ausências da música, o rito em latim conferia a liturgia imprescindível. É o que ele lembrava décadas depois, à frente de um computador, no décimo andar do prédio, área central da megalópole.

A moça da recepção irrompe a sala.

— Não encontrei o presente, seu Boris.

Ele não desvia o olhar da tela. Faz um sinal de positivo, sem palavra. A secretária entende, faz menção de sair, dá meia volta.

— Tô indo embora. Sem problemas? Já deu seis horas.

Outro sinal de positivo. Sem problemas. Ela sai. Desvia o olhar ao trânsito lá embaixo, recosta-se à cadeira, pensativo. Entra o Macedo, fotógrafo.

— Tomar aquelas, malandragem? Tá na hora e amanhã é véspera de Natal.

— Tenho que comprar um presente, responde, sem olhar.

— Pô, Boris. Vamos nessa, cara. Que coisa! Compra amanhã. As coisas ficam abertas até as quatro da tarde.

— Putz, não sei...

— Hoje é dia! Macedo sempre animado, mesmo antes de consumir as substâncias mágicas, ainda.

Boris se vira, começa a desligar o computador. Tudo certo. Umas e outras. Pés sujos pra começo. Depois alguma coisa gourmet. Churrascaria e uísque. Chopes enfileirados. Algumas amigas. Conversa fiada.

— Boris tá quieto. Apaixonado o moço, decerto. Uma.

— Ele é sempre assim. Fim de ano não vê a hora de praia. Outra.

— Eu já comprei meu biquíni! Mais uma. Até que deu.

Daí uma pequena prova das substâncias mágicas do Macedo. Breve, é meia-noite. Mais uma. Roda de samba nas biroscas profundas. A coisa começa a decair. Lembra do presente. Amanhã cedo. Várias *saideiras* na padaria vinte quatro horas na esquina do Arouche. A ladeira não tem fim, já sob o viaduto, um cachorro-quente. Gravata frouxa e tubo de mostarda na mão, copo de plástico com chope artesanal apoiado em uma banqueta. Macedo fala sem parar. Umas prostitutas lhe constituem plateia. Começa a bater fotos com sua Nikon velha de guerra.

— Manchou tua Hermés. Tá amarelinha!

— Putz... Ele sempre diz "putz". Não bate foto, não! Olha só! Tá feio.

— Feio é roubar e não poder carregar! E dá mais alguns cliques lambuzados, com as meninas a tiracolo.

Táxi pra um inferno na Augusta e a noite não tem fim. No meio do solo de bateria de um projeto de John Bonham, deixa Macedo sem tchau e entra no táxi, querendo o rumo de casa. Não dá mais. Seis e meia da manhã. No trecho, Santa Cecília e a igrejinha. Lembra do presente e pede pra descer. Um camelô vende badulaques católicos em frente.

— Quanto é aquele terço de madeira?

— Trinta e cinco, compadre! Dois por um galo!

Fica com um, dá cinquenta e deixa o troco. Antes de voltar ao táxi, olha o povo se aglomerando para a missa das sete. Corte para o menino descendo as mesmas escadas, quatro décadas antes, saindo de mãos dadas com a avó. O padre parecia Otelo Zeloni, que interpretava Dom Camilo na tevê Tupi.

— Você sabe onde fica Tatuí? Ele, ao motorista.

— Sei. Tatuí, moço? Mas é longe, hein?

— Toca pra lá.

— Tem certeza? É uma viagem. Vai sair caro.

— Não tem problema. Manda ver.

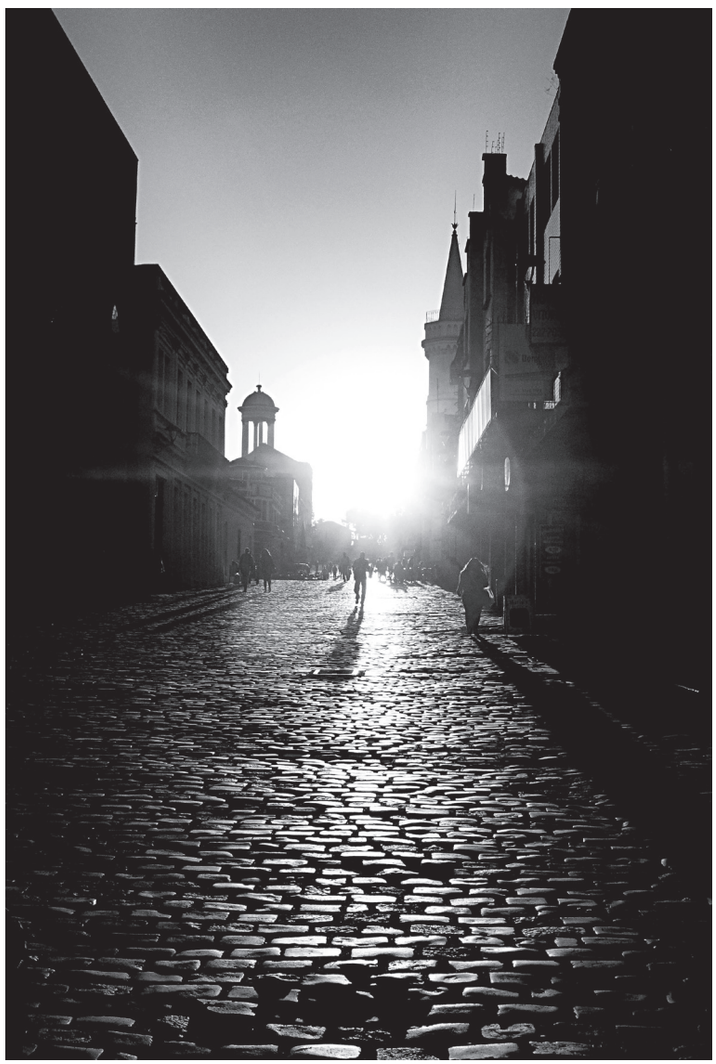
Asilo São Vicente. Idosas com qualidade de vida e carinho, diz o panfleto, amassado no bolso interno do paletó. Na partida do automóvel, alguém afina o órgão em oito pés, s*pitzflöte*, que se faz audível, de dentro da capela. Com a paz da melodia, volta o menino.

— Vó! O Dom Camilo usa saia! A senhora se ria, apesar de envergonhada. ■

Flavio Jacobsen nasceu em Santos (SP), em 1967. Trabalha como redator e roteirista. Estudou História e Cinema. É autor de *Uns contos no bolso* (2015). Vive em Curitiba (PR).

CLIQUES EM CURITIBA | LEO FLORES

CLIQUES EM CURITIBA



Nascido e criado na capital paranaense, o fotógrafo **Leo Flores** tem a cidade como foco principal de seu trabalho documental. As imagens publicadas no **Cândido** fazem parte da série "Em contraluz", em que ele mostra uma Curitiba de luz e sombra, com silhuetas variadas e sem rostos. "Isso abre muitas possibilidades para o espectador usar a imaginação e completar a cena", diz.

POEMA | SAMANTHA BEDUSCHI SANTANA

Ilustração: André Ducci

ONTOLOGICAMENTE

o relógio analógico do ser
não se rende.
diz sim ao momento,
o tempo que foge no tempo
e beija o cansaço, quiçá.

do ser, o analógico relógio
dança pontual e inteiro;
de repente descompassado,
mouro montado em seu nagual,
abraça o tempo aqui e lá;
transforma em ouro
seus ponteiros
de aço.

e nesse espaço de tempo;
o ser presente com passado,
foge de novo no tempo
com o tempo no espaço que há... ■

Samantha Beduschi Santana nasceu e vive em Curitiba (PR). Técnica em design, é formada em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Publica poemas, entre outras plataformas, na revista eletrônica *Mallarmargens* e no periódico mensal *RelevO*. Escritora integrante do Coletivo Marianas, participou da antologia *As herdeiras de Lilith* (2014). Em 2016, publicou o seu primeiro livro, *autopoiesis*.